

Divino
PROFANO

LUCIANE VIEIRA Z
MICHELINE SOARES



Table of Contents

[Capítulo I](#)
[Capítulo II](#)
[Capítulo III](#)
[Capítulo IV](#)
[Capítulo V](#)
[Capítulo VI](#)
[Capítulo VII](#)
[Capítulo VIII](#)



Divino

e

Profano

Luciane Vieira Z e Micheline



Soares





Copyright © 2017 por

Luciane Vieira Z e Micheline Soares

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução de parte ou totalidade da obra sem a autorização prévia das autoras.

História baseada na lenda do Holandês Voador.

Todos os personagens desta obra são fictícios.

Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Capa: Queen Hady

Revisão de texto: Sheila Mendonça

Guarulhos – SP / Nova Iguaçu – RJ



Índice



[Índice](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Epílogo](#)

Micheline Soares

Luciane Vieira Z

Outras Obras da Autora

Capítulo I

Davy desceu seus olhos sobre a criatura deitada, seu traje cobria toda a madeira que estava sob seu corpo, isso lhe deu a impressão de que ela flutuava sobre o alto-mar.

— Parece uma anja — comentou um de seus marujos.

— Shiii! — pediu silêncio Davy, ele esticou o braço e a tocou, ela estava completamente seca. Ele a puxou para próximo do bote e a tomou nos braços, seus olhos se perderam na beleza da jovem.

— Está viva? — atreveu-se outro marujo. — É humana?

— Não sei, acho que não. — Seus homens arregalaram os olhos, estavam paralisados pelo medo. — Vamos, voltemos ao navio! — impacientou-se.

Davy a carregou pelo convés, os marinheiros pararam o que estavam fazendo assim que seus olhos recaíram sobre a cena, isso o irritou.

— Voltem ao trabalho, bando de imprestáveis. — Em sua cabine ele a depositou na cama, afastou-se para olhá-la melhor. — Quem diabos é você? Que raio fazia em meio ao oceano, flutuando como... como...

— Jones... Jones... — Ela chamou ainda desacordada.

Ele estremeceu, Jones era seu segundo nome, mas ninguém sabia disso. Ele postou-se ao seu lado acariciando seus cabelos sedosos e claros, como os de um anjo, mas ele iria preferir que ela fosse uma diaba.

— Estou aqui. — Ele respondeu com a voz sedutora, ela suspirou e voltou a ter um sono tranquilo. Davy olhou para ela com cobiça, seus olhos percorreram seu rosto perfeito e os volumes que seu vestido deixava transparecer, ele estendia a mão para livrá-la daquela roupa, quando escutou uma batida na porta.

— Capitão, achamos um homem.

— Se for o tal do Jones, eu o mato — sussurrou Davy. —, nem Deus a tira de mim. — Quando viu o terço na mão dela, um arrepio tomou seu corpo e um pressentimento ruim o acometeu. — Nem Deus. — Ele reafirmou e saiu.

O homem era um criado da família da moça. O capitão quis ficar a sós como ele. Davy perguntou sobre ela.

— O Senhor Fontes me mandou trazer a sua filha, Laura, e o dote para o Convento de Nossa Senhora.

— Freira? Ela vai se tornar freira?! — Davy falou nervoso.

— O pai dela tomou esta resolução após o galeão espanhol que trazia o noivo, o Senhor Jones, para o casamento ter desaparecido a cerca de um ano.

O capitão se lembrava de ter afundado muitos navios nos últimos anos. “*Será que a nave do noivo de Laura estava entre elas?*”, pensou ele.

— Como era este noivo, o tal do Jones? — O homem deu de ombros.

— Ele se correspondia com a Senhorita Laura por carta, mas só o Sr. Fontes, que combinou o casamento, sabia como ele era.

Davy sorriu satisfeito e depois matou o criado, não podia deixar que a história de Laura se espalhasse pelo navio. Seus homens eram devotos de Nossa Senhora e podiam amotinar,

caso soubessem que ele tinha tomado a candidata à freira para si. *“Se nem Deus, eu permitirei que me tire Laura o que dirá Nossa Senhora, ou os imbecis dos meus marujos.”*, pensou ele.

O capitão informou aos seus homens sobre o dote e os mandou procurarem pela embarcação naufragada. Voltou a sua cabine e tomado de um sono incontrolável adormeceu.

Uma mulher vestindo um manto azul lhe apareceu.

— Davy Jones, encontre o dote e fique com ele. Mas não se atreva a tocar em Laura, ela está destinada a ser uma de minhas eleitas.

— Ela me pertence! — gritou irado o capitão.

— Esteja pronto para arcar com as consequências — sentenciou ela.

Davy acordou suando frio, ofegante e atordado. Olhou para Laura, ao seu lado, ela estava acordando.

— Jones... Jones... — Ela chamava enquanto se remexia. Davy se colocou sobre ela e segurou seu rosto com sua mão em concha.

— Estou aqui, meu amor. Acorde, enfim eu lhe achei. — Ela piscou e abriu os olhos, ele estremeceu ao ver os olhos da cor do manto de Nossa Senhora.

— Jones... eu não acredito... é você? Você me achou. — Ela o olhava, embevecida. Havia imaginado Jones por dois longos anos de noivado, estava totalmente apaixonada por suas cartas e ansiava conhecê-lo, mas o navio trazendo o amado nunca havia chegado e ela chorou por ele no último ano, sem nem mesmo saber se ele corresponderia a todas as suas expectativas. O homem a sua frente tinha lindos olhos negros, cílios abundantes, cabelos revoltos que chegavam à linha do queixo e uma barba de dois dias por fazer. Ela podia perceber o corpo másculo, forte e perfeito sobre si. Ele era muito mais do que ela havia idealizado. A boca carnuda daquele homem a sua frente procurou a sua em um beijo, a princípio delicado, que se tornou carnal e sôfrego, e a língua dele invadiu sem pudor sua boca virginal. Laura não conseguia pensar em nada, seu corpo estremecia aos toques do suposto noivo, ele subia a mão por sua coxa tocando seu corpo como ela nunca havia imaginado que um homem a tocaria. Ele a queria, mais do que qualquer coisa ou pessoa que já quis em sua vida. — Jones... eu pensei que o tinha perdido — disse ela inquieta.

— Eu pensei o mesmo... mas eu a encontrei e agora eu a quero. — Ele colou sua boca a dela e desabotoou seu vestido, deslizando a mão por seu seio levou os lábios até ele e o beijou. Laura se contorceu de prazer, um fogo líquido descia de seus seios para o meio de suas pernas despertando uma sensação enlouquecedora, sufocante e ao mesmo tempo prazerosa. Davy sugou um seio depois o outro, desceu sua língua por seu ventre e beijou entre suas pernas. Laura se contorcia, gemia e dizia coisas desconexas. Ele beijava a parte interna de suas coxas enquanto pensava em se enterrar bem fundo entre elas. Davy se ajoelhou na cama e a contemplou, nua. — Nada nem ninguém me farão desistir de você. — No mesmo momento um relâmpago cortou o céu e o estrondo de um trovão atingiu seus ouvidos.

— Uma tempestade — disse ela assustada, ele se deitou sobre ela, segurou seu queixo e olhou em seus olhos.

— O mundo pode acabar eu nem me importo, contanto que você seja minha — Mais uma vez colou sua boca a dela. —, diga que quer ser minha.

— Jones... — disse ela hesitante.

— Por favor — Ele engoliu a seco. —, depois de tudo que passamos é só o que eu lhe peço — Ele puxou delicadamente suas coxas deixando seus joelhos dobrados. —, eu preciso ouvir isso. — Ela examinou seus olhos.

— Eu quero ser sua — disse convicta, Davy a beijou forçando seu membro entre suas pernas, ela gemeu e empurrou seu peito. Ele não a queria à força, não ela. Então ele voltou a

beijar seu pescoço enquanto que entre o polegar e o indicador roçava o bico do seu seio a torturando pelo desejo.

— Laura seja minha. É só que te peço. — Ela aceitou seu beijo e ele forçou outra vez seu membro contra o meio de suas pernas. Quando o corpo de Laura estremeceu e ela o sentiu dentro de si um novo estrondo foi ouvido bem próximo. — Diga Laura... diga que quer ser minha.

— Eu quero ser sua. — Ele a preencheu de uma vez e ela deu um grito abafado, outro estrondo ainda mais perto foi ouvido, Davy retrocedeu.

— Diga outra vez Laura.

— Eu... quero ser sua — disse ela ansiosa enquanto ele a preenchia novamente. A tempestade não dava trégua ao mesmo tempo em que o capitão não dava trégua à Laura, ele a penetrava com vigor. A força da tempestade e a maneira como o navio balançava davam a impressão ao capitão que aquele poderia ser o último ato de sua vida. Ele poderia ter subido ao convés para ajudar seus homens, mas naquele momento ele pouco se importava, preferia morrer assim, nos braços de Laura. Ondas gigantes se chocavam contra o navio, ondas de prazer passavam pelo corpo de Davy e Laura.

— Diga Laura mais uma vez, diga que quer ser minha para que não sejamos destruídos.

— Eu... quero ser... sua... — Ele se enterrou totalmente nela que arqueou as costas e gritou de prazer, seu corpo pulsava enquanto ele se derramava. Um raio caiu no galeão provocando um estrondo ensurdecedor.

— Venha. — Ele lhe estendeu a mão, ela abotoou seu vestido e o seguiu, ao chegar ao convés os dois paralisaram. Laura olhou as ondas gigantes. Davy olhou os corpos no chão dos seus marujos, estavam todos mortos. O navio era sugado para uma onda gigantesca que se formava e começava a se inclinar para o alto da mesma, Davy se segurou no mastro e com a outra mão apanhou a mão de Laura que olhava para tudo atônita. A imagem de Nossa Senhora apareceu para Davy, ela flutuava na proa do navio.

— Não pode me castigar! — gritou Davy para a imagem. Laura procurou com o olhar com quem ele falava e não encontrou. — Ela quis ser minha.

— Ela quis ser de Jones, não sua — respondeu a imagem, Davy balançou a cabeça em negativa e olhou para Laura. — Conte a ela e verá.

— Jones, com quem está falando? — Davy voltou os olhos para ela.

— Não sou o Jones — Laura arregalou os olhos para ele. —, meu nome é Davy. — Ela soltou a mão dele, o barco se inclinou mais. — Segure-se em mim Laura. — Ela abanou a cabeça em negativa, tinha os olhos rasos d'água, mas não desgrudavam dele. O barco se inclinou ainda mais e uma enxurrada a abateu levando-a para o mar. — Lauraaaa! — gritou Davy, em desespero, o galeão chegou ao alto da onda e como que por encanto a onda se desfez pousando o navio seguro no mar, as nuvens escuras se afastaram e o céu se tornou novamente estrelado, Davy agarrado ao mastro chorava, a imagem permanecia na proa do navio. — Já me castigou, suma, eu quero morrer.

— Não, ainda não. Você foi avisado, mas insistiu em profanar a minha eleita. Está condenado Davy a vagar eternamente por esta vida, será sinônimo de mau agouro, o terror dos marinheiros, o fantasma sinistro dos oceanos.

— Com quê tripulação? — Um riso aterrorizante saiu dos lábios de Davy.

— Com esta. — A imagem elevou a mão, os corpos dos marinheiros começaram a se levantar com olhos esbugalhados, rostos lívidos e gestos mecânicos. Subindo ao navio de todos os lados outros marujos surgiram, no mesmo estado, até a tripulação estar completa. Davy com olhos arregalados olhou para a imagem que lhe sorriu. — Aprenda a ser bom Davy Jones. —

Então ela sumiu no ar. Seus homens com aspecto de mortos-vivos tomaram suas posições e o galeão voou pelos mares, a todo pano navegando contra o vento.

Capítulo II

Ao fechar a porta olhou para o leito, nele o sangue virginal de Laura fê-lo lembrar de que era o único responsável por toda aquela tragédia. Fora avisado, pela santa, mesmo assim sua cupidez fora maior e resolveu dar asas a sua luxúria desenfreada. Ele nunca havia se importado com ninguém além dele próprio, mas Laura tinha despertado um sentimento que Davy não conhecia.

Filho de um célebre pirata, de origem holandesa, que conseguira glória e fortuna graças a seus atos de pilhagem, após a morte da mãe, seu pai um homem severo, cúpido, sanguinário, mas ótimo marinheiro, levou-o para seu navio e assim ele foi se habituando desde a infância ao “trabalho” de corsário. Tinha vinte anos quando o progenitor foi morto durante a abordagem de um grande galeão espanhol, herdou na ocasião o comando do navio.

Com rapidez de raciocínio e agilidade manobrava e chegava, lá onde era o menos desejado, matando, pilhando, tornava-se cada vez mais rico, odiado e temido. Seu navio ficou conhecido como o Holandês Voador. Tudo o que fazia era coroadado de sucesso e em pouco tempo conquistou fama e fortuna que excederam a de seu pai, isso fazia de Davy um homem cada vez mais primitivo, que não se importava em tirar a vida do seu semelhante.

“Matar mulher dá azar.”, diziam seus marujos, então ele tratava de libertar as idosas e as crianças colocando-as em botes e as abandonando em alto-mar sem se preocupar com a sorte das pobres coitadas. As duas vezes que encontrou mulheres jovens, ele as reservou para o seu deleite. A primeira a princípio resistiu, mas bastaram algumas visitas de Davy para ela parar de temer o famigerado pirata e se render ao belo homem, mas com Laura foi diferente, ele a enganou. A este pensamento o pirata desviou os olhos do leito e deu com um objeto estranho sustentado por um tripé e coberto por um lençol. Davy com um puxão no lençol descobriu o espelho, examinando-o percebeu perplexo que ele não refletia como deveria acontecer, mas lhe mostrava o oceano que depois de toda aquela tempestade se mostrava calmo. O pirata não conseguia compreender o motivo de tal objeto mágico ter aparecido em seu navio.

— Não é de se espantar depois de tudo que aconteceu nesta noite, mas de que serventia tem isso? — questionou Davy. Depois de observá-lo por horas se irritou e voltou a cobri-lo. Ele ainda pensava em Laura quando seu estômago reclamou a falta de alimento.

Não sabia por quanto tempo permaneceu naquela cabine, só esperava sair dali e descobrir que o acontecido foi um pesadelo e que tudo estava de volta ao que era antes; os imbecis de seus marujos fazendo idiotices e cantarolando músicas de baixo nível no convés do navio; enquanto que a parte boa do seu sonho, Laura, era uma espécie de pressentimento, antecipação de um futuro próximo onde ele a encontraria.

A refeição estava posta em cima da mesa, parecia apetitosa, mas quem teria preparado? Louco de fome ele não permaneceu nem um segundo cismado, mergulhou no prato e começou a devorar tudo com muito apetite. Já tinha comido quase tudo quando o pensamento que poderia haver veneno lhe ocorreu.

— Que se dane, depois do que aconteceu é melhor morrer mesmo. — E tratou de engolir o restante. Pelo silêncio, ele soube que os espectros continuavam dirigindo seu galeão.

Todo o serviço era feito com perfeição pelos mortos-vivos, a sua refeição era servida na hora costumeira impreterivelmente, mas a solidão consumia Davy. Ele estava inconformado, os dias que se seguiram foram horríveis, quando ia ao convés se deparava com os marujos de aspecto fantasmagórico e se martirizava pelo estado deles, antes eram selvagens, tinha uma audácia demente, propensões sanguinárias, poderiam ser considerados espíritos infernais, mas nem mesmo eles mereciam aquela sorte, já na cabine se lembrava de Laura e a culpa o consumia.

— Maldição, que falta de benevolência, como alguém pode acreditar nos céus quando é julgado e condenado sem direito a apelação — bradou o pirata.

— Desde quando você foi bom ou concedeu a alguém uma segunda chance, Davy Jones? — Só a voz de Nossa Senhora se fez ouvir sem que a imagem se apresentasse.

— Já que não posso contar com os céus em meu desespero recorrerei às profundas^[1] — gritou Davy. O silêncio perdurava no ambiente quando ele ouviu um barulho de cascos batendo. — Que demônio será isto? — Ele correu para o convés e se deparou com um homem de olhos esverdeados, vestia-se como um pirata, mas com aspecto elegante, postura altiva, de cabelos curtos e revoltos. Estava sentado displicentemente com uma das pernas dobradas em cima da outra, de frente a um barril com um sorriso amável no rosto. Uma névoa envolvia todo o ambiente, o sujeito parecia não se importar com os mortos-vivos que continuavam trabalhando, que por sua vez também não se incomodaram com o visitante que tinha aparecido em pleno alto-mar. — Quem diabos é você?

— O próprio. — Davy o olhou confuso. — Você declarou que iria recorrer às profundezas. Estou aqui.

— Você é “o coisa ruim”? — interrogou em visível desconfiança apertando os olhos, em uma inútil tentativa de enxergar a verdade.

— Prefiro que me chamem de Luc — respondeu em um sorriso sedutor. — É um diminutivo, que serve melhor aos meus propósitos, já que o simples som do meu nome provoca conversões imediatas, os fracos caem de joelhos em oração ao ouvi-lo.

— Eu não sei rezar — disse Davy mal-humorado. — E não me impressiono à toa, por isso guarde seu sorrisinho para encantar os afeminados, sujeitos como você, eu costumo obrigar a andar na prancha, para servir de petisco aos tubarões. — O visitante gargalhou alto sem perder sua graça e elegância.

— Por quem me tomas, Davy Jones? — O pirata estremeceu, só Nossa Senhora o chamava assim. — Tenho educação, não sou rude como você.

— Diga logo a que veio, estou perdendo minha paciência.

— Você que me chamou, homem! Estou aqui para servi-lo. — O visitante inclinou a cabeça. Davy o olhou desconfiado e Luc sorriu passando o indicador pelo lábio inferior. — Outro, eu já teria feito queimar no inferno, definitivamente eu gosto de você.

— Pois eu não gosto de você...

— Não tem nenhuma novidade nisso, ninguém gosta — disse Luc com um sorriso torto.

— Isso não é verdade — protestou uma voz feminina vinda do fundo da popa, o barulho dos saltos batendo no assoalho fez Davy perceber que ela se aproximava em meio à névoa que não se dissipava. — Eu lhe devoto todo meu amor, meu amo e senhor. — Uma mulher estonteante em um vestido vermelho encarnado e muito justo apareceu ao lado de Luc em pé com a mão no ombro dele.

— O que faz aqui, Má Suprema? — perguntou rude o visitante.

— Vim ver se precisa dos meus préstimos, meu senhor. — Ele ia enxotá-la de volta ao inferno quando percebeu o olhar pasmo de Davy, sua boca aberta e ao abaixar os olhos o inegável volume de suas calças delatou seu interesse.

Luc desdobrou a perna e pôs o pé no chão, o barulho de casco batendo no assoalho fez Davy despertar de seu transe por aquela bela mulher, era este o barulho que tinha ouvido na sua cabine, ele estava de botas, mas seus passos emitiam sons de cascos de animais, o visitante contornou o barril e a cada passo o barulho podia ser ouvido, Davy agora se convenciu de quem ele era. Luc se posicionou atrás de sua fêmea e trouxe o seu quadril para si, a mulher inclinou a cabeça, fechou os olhos e gemeu de prazer.

— É isso que quer?

— Eu não me atreveria, sei respeitar a propriedade alheia.

Luc gargalhou alto.

— Um pirata respeitando propriedade alheia? Não me faça rir, um corsário não respeita nada, muito menos mulheres. Pode escolher a que quiser, menos a Má Suprema, ela é a minha preferida.

Davy lembrou-se de Laura. *“Será que se encontrava nas regiões inferiores?”*, pensou ele.

— Ela não está comigo — respondeu Luc à pergunta não feita. — Eu iria adorar, mas ela deve estar com eles. — apontou o indicador para o céu. — Em meus domínios existem muitas fêmeas, tenho praticamente um harém. — Uma imagem se formou e Davy viu a Má Suprema nua, Luc estava atrás dela, ele sustentava um de seus seios na palma de sua mão, um filete de sangue saía dele onde a unha “do coisa ruim” o transpassava e corria pelo abdômen da moça. Davy notou que Luc da cintura para baixo era animal, talvez um bode, e seus olhos constataram aquilo que seus ouvidos já tinham captado: ele tinha cascos ao invés de pés. A Má urrou, pois Luc a sodomizava. A cena era excitante e aterrorizadora ao mesmo tempo, Davy balançou a cabeça para se livrar da imagem e ao voltar ao presente viu o ser infernal o encarando, ele passava o indicador pelo lábio inferior e sorria para ele. — Então, no que posso lhe ajudar? As opções são diversas — questionou Luc.

— O que vai querer em troca? Já vou avisar que meu rabo não está em negociação — disse o pirata e Luc gargalhou mais uma vez.

— Davy Jones, você é muito divertido. Eu tenho o rabo da fêmea que eu quiser a minha disposição. — Ele deu forte tapa na nádega da Má Suprema, que gemeu alto quase tendo um orgasmo. — Não tenho interesse nenhum no seu, posso lhe garantir. — Davy pensou mais uma vez em Laura. — Eu já lhe disse que não estou com ela.

— Como posso saber que está dizendo a verdade?

— Eu sou quem eu sou, mas eu não minto e eu não trapaceio, são as regras. — Luc apontou para o céu. — Tenho que obedecê-las.

— Não trapaceia? Isso me deu uma ideia, podíamos jogar. — Luc olhou para ele interessado. — Se eu ganhar você me livra desta maldição.

— Não posso interferir nas determinações deles — indicou o céu novamente. —, mas quem sabe conseguir uma anistia, o que acha de três dias, para que você conheça novas pessoas? — Ele lhe piscou malicioso.

Os olhos do corsário brilharam, sair daquele inferno era tudo que ele desejava e se conseguisse nada no mundo o faria voltar.

— Eu aceito. — apressou-se a dizer Davy.

— E se eu ganhar, o que eu levo? — perguntou Luc. O pirata pensou por um instante.

— Minha alma?

— Alma amaldiçoada já basta a minha.

— Pode me levar para o inferno.

— Não te quero nos meus domínios, não gosto de concorrência.
— Fique com o meu navio.
— Não posso ficar com ele, faz parte da maldição, se você ainda tivesse a Laura... — inclinou a cabeça de forma sedutora.
— É melhor não concluir a frase — ameaçou Davy desembainhando a espada.
— Não pode me matar, eu já estou morto.
— Diga logo o que quer se ganhar o jogo.
— Você não tem nada a me oferecer. — Luc virou as costas para Davy.
— Espere! — Luc se virou e o encarou. — Tem um espelho que apareceu...
— O ESPELHO NÃO! — A voz de Nossa Senhora se fez ouvir. — Ele será um instrumento para você melhorar. — Luc sorriu com o canto da boca, Davy percebeu que era isso que ele queria.
— Eu aposto o espelho — disse enfático o pirata.
— Eu lhe concedo três dias em terra por mês se ganhar. Vamos ao jogo — anunciou Luc sentando-se na amurada, enquanto que a Má Suprema lhe massageava os ombros. — Dados? — disse tirando um par do bolso.
— Dados — concordou Davy, apresentando os seus. — Estes me dão sorte, melhor de três. O visitante primeiro. — sorriu Davy, Luc anuiu e a sorte foi lançada.
Luc rolou os dados em cima do barril, o resultado foi quatro e dois, ele riu.
— Seis. Este número me persegue geralmente por três vezes. Meia... meia... meia — disse teatralmente.
Davy estava sério, soprou os dados e o resultado foi cinco e seis.
— Onze! — gritou o pirata para seu oponente. — Já ganhei a primeira.
— Comemorar antes do término do jogo dá azar — disse a Má Suprema irritada.
— Azar não existe, eu faço a minha própria sorte — disse Davy e rolou os dados novamente após soprá-los. O resultado foi duas vezes o número seis. Davy soltou um grito e se levantou da cadeira. Luc permaneceu imperturbável e com desprezo rolou os dados, o resultado foi duas vezes o número três. Davy gritou comemorando.
— Oh, *mon chéri* — disse a Má Suprema tristemente.
— Meia, meia, meia... Na mesma partida. — Luc abanou a cabeça rindo, ele se levantou e foi em direção a Davy que ainda comemorava, estendeu-lhe a mão. — Parabéns, eu sei reconhecer quando perco. Você é um excelente jogador. — Davy apertou sua mão. — Eu determino que todos os meses, poderá permanecer três dias em terra. — Um relâmpago cortou o céu e um estrondo foi ouvido. — Anistia aceita — declarou Luc.
A Má Suprema inconformada pegou os dados de Davy na mão e os lançou. O resultado foi seis e cinco, ela lançou novamente e saiu duas vezes o número seis, mais duas tentativas em que saíram os números cinco e seis.
— Também sou boa nisto só tiro cinco e seis. — Luc soltou a mão de Davy e foi para junto da Má Suprema tomando-lhe os dados da mão e os lançando, saiu cinco e cinco.
— Dados viciados — disse para si mesmo, o sorriso tinha sumido do seu rosto, ele levantou os olhos para o pirata. — Eu devia ter desconfiado quando afirmou que fazia sua própria sorte.
— A anistia foi aceita, você não pode voltar atrás — bradou Davy.
— Não, não posso. — Ele desceu a mão pelas costas da Má Suprema e parou em sua nádega. — Vamos, não se pode confiar em um corsário. — O pirata riu alto e o ser infernal lhe lançou um olhar furioso. — Aproveite seus três dias, Davy Jones. Só não se surpreenda se seu desejo virar uma nova maldição.
— Uma maldição a mais uma a menos — Davy deu de ombros. — qual a diferença?

Luc sorriu cínico, o pirata abaixou a cabeça triste. “*O que eu quero mesmo é saber sobre o paradeiro de Laura.*”, pensou Davy.

— Eu farei de tudo para que não consiga descobrir nada — respondeu o ser infernal ao pensamento do corsário.

— Eu sempre consigo tudo que quero — rebateu o pirata.

— Eu também — disse Luc.

Ele e a Má Suprema andaram em direção à névoa e desapareceram.

Capítulo III

O menino olhava aparvalhado, desde que percebeu aquele objeto, ao longe no mar achou que veria algo interessante, ele flutuou sobre o oceano. Javier poderia jurar que a última onda o viraria, mas o mar o depositou na areia como que se uma mão invisível o levasse até ali. Ele correu pra ver mais de perto e estancou estupefato com a linda moça de cabelos claros que estava desacordada. Javier não teve coragem de se aproximar, afinal ela tinha vindo flutuando e aqueles cabelos faziam com que ela se parecesse muito com um anjo. *“Um anjo caído!”*, pensou ele.

— Eu vou chamar o padre — disse a si mesmo e correu para o convento.

O padre constatou estupefato que a moça estava completamente seca.

— Moleque, tem certeza que ela veio do mar? — Javier assentiu, o eclesiástico a sacudiu delicadamente. — Moça, moça... — Debilmente ela abriu os olhos. — Como é seu nome?

— Laura — respondeu ela e tornou a perder a consciência. O padre estava pasmo.

— Menino, chame Dona Mercedes, diga-lhe que encontramos a noiva de Jones que vinha para o nosso convento.

Javier entrou desabalado pela casa, gritando:

— Dona Mercedes... Dona Mercedes. — A empregada veio correndo da cozinha.

— Valha-me Nossa Senhora que este garoto parece o próprio demônio, assim vai acordar a patroa.

— Eu já acordei, Martha — disse uma senhora do patamar da escada. — O que aconteceu para entrar em minha casa desta maneira, moleque?

— O padre está chamando a senhora lá na praia.

— Na praia? Que absurdo é este? Todos sabem que não coloco meus pés naquele lugar.

— Mas, Dona Mercedes, a noivinha desaparecida foi encontrada lá.

— Noivinha desaparecida? — perguntou confusa a dona da casa.

— É a forma como as pessoas estão chamando a noiva de Jones — explicou a serviçal. Dona Mercedes perdeu a cor.

— Laura está viva?

— Sim senhora — respondeu Javier.

— E Jones? — questionou aflita pelo filho.

— Só ela foi encontrada — disse Javier, Dona Mercedes abaixou os olhos.

— Senhora? — disse Martha em tom de lamento. — Eles não estavam no mesmo navio. O dele desapareceu há mais de um ano, a senhora sabe disso.

— Eu sei, mas uma mãe nunca perde as esperanças, nunca esquecerei meus filhos. — Ela olhou para o menino. — A sorte desta moça pouco me interessa.

— Por Nossa Senhora! Repense Dona Mercedes! — disse a criada. — Jones decidiu largar a vida de solteiro por ela, a moça ao perder as esperanças de encontrá-lo com vida resolveu entrar para o convento e a senhora prometeu ao pai dela que cuidaria da adaptação da pobre na vida eclesiástica.

— O padre já está com ela me sinto desobrigada — retrucou a patroa.

— A vida lhe tomou dois filhos e a senhora pode estar relegando a filha que esta mesma vida lhe oferece.

Dona Mercedes demorou a se recuperar das palavras de Martha, com olhos embargados olhou para Javier.

— Diga ao padre que eu vou visitá-la no convento. Na praia eu não ponho os meus pés.



As palavras de Nossa Senhora não saíam de sua mente. *“Instrumento para que eu me melhore, será que ainda tenho jeito, será que ainda terei alguma oportunidade ou estarei condenado a viver eternamente sob essa maldição?”*, pensou o pirata.

Cansado de raciocinar sobre o seu dilema, Davy jogou-se no leito, olhava para o teto há apenas alguns segundos quando gritos horripilantes chegaram aos seus ouvidos.

— Socorro... Tem piedade de nós... Pelo amor de Nossa Senhora...

A certeza de que o som, apesar de longínquo, não vinha de cima nem de fora do navio fez com que seus olhos não se desviassem à procura do que acontecia, o medo o paralisou por minutos. Instintivamente sabia que aquele barulho vinha do objeto mágico que aparecera por milagre em sua cabine e que ele tivera o despautério de arriscar em aposta com “o coisa ruim”. O som das vozes foi se somando ao som das ondas se chocando contra o casco de um navio e objetos se quebrando. Quando enfim teve coragem de levantar os olhos viu que o espelho refletia uma grande galera em meio a uma tempestade, o mastro estava quebrado e ela ameaçava soçobrar. O pirata viu no espelho um casal em desespero na tentativa de proteger duas crianças, aquela cena se desenrolava naquele instante em outro ponto do oceano. *“Mas onde?”*, pensou Davy.

Respondendo ao seu questionamento o Holandês Voador fez uma manobra jogando o pirata, e vários objetos da cabine, ao chão, milagrosamente o espelho não havia se movido permanecendo no mesmo local refletindo o desenrolar daquele desastre. Davy levantou-se e correu para o convés, subiu ao tombadilho e se postou em frente ao timão, ele não tinha ideia para onde deveria se dirigir, mas o leme se movia com agilidade mostrando ao pirata que o navio sabia perfeitamente o local em que a galera naufragava. O primeiro imediato Bartolomeu coordenava o trabalho dos mortos-vivos que se dedicavam com o mesmo afinho de quando estavam vivos.

Eles voavam pelos mares, nunca o nome do seu navio pareceu a Davy tão apropriado, iam ao encontro de uma terrível tempestade e do oceano bravio. Ao chegar percebeu que as águas revoltas se chocavam contra a embarcação que balançava como se fosse brinquedo de criança, mas o Holandês Voador navegava sem nem sequer tocar nas águas o que o tornava imune à fúria do oceano. Passou como um fantasma pelo navio que declinava, quase tocando seu casco.

Recostado no mastro, estava Davy vestindo um sobretudo escuro. Um archote fixado ao mastro jogava uma luz púrpura em seu rosto pálido, seus grandes olhos negros fitavam tristes o trágico destino da galera, a escuridão nebulenta ora mostrava e ora escondia fragmentos do navio e corpos que eram engolidos pelo cruento oceano.

O pirata pôde perceber o olhar espantado das pessoas que ainda se agarravam ao grande navio, ele sabia que as atenções voltavam-se principalmente para ele, ainda teve tempo de reconhecer o homem que pouco tempo antes havia visto no reflexo do espelho, como se o tempo corresse mais devagar naquele momento, percebeu o olhar aterrorizado do sujeito, não pela tragédia que levaria sua família a sucumbir, mas para ele, Davy Jones; sinônimo de mau agouro; o fantasma sinistro dos oceanos, aquilo o impressionou, estava ciente agora de que cumpria sua maldição.

Este homem, juntamente com a sua família, foi arremessado ao mar. Davy ouviu um barulho no casco do Holandês e correu para olhar o que se chocava contra o seu navio, era o escalor que estava posicionado bem abaixo da escada feita de cordas, aquelas batidas soavam

como um chamado irresistível. Ele desceu, não havia remos, logo percebeu que não haveria necessidade, pois o barco se movimentou dirigindo-se para a família.

— Aqui, por favor — chamou o garoto. Os adultos estavam desacordados enquanto as duas crianças se debatiam na água.

— Eu vou ajudá-los — disse ele para as crianças. Ele içou a menina menor, depois ajudou o garoto a subir a bordo, enquanto Davy puxou a mulher, o menino permaneceu segurando a cabeça do pai fora da água, ele teve um imenso trabalho para colocá-los na pequena embarcação, pois por várias vezes ela ameaçou virar e lançar todos ao mar.

Davy correu os olhos pelo oceano, havia muitos outros no mar, mas para estes já era tarde demais, a embarcação que levava o pirata e os naufragos parecia saber disso e assim que o pirata resgatou o último membro da família, ela começou a se afastar da galera.

Enquanto Davy se preocupava em avaliar se os adultos ainda tinham vida, as crianças choravam baixinho, ele olhou para os cachos dourados da menina e lembrou-se de Laura.

— Calma, não precisam chorar, tudo vai ficar bem, eles estão vivos. — O garoto abraçou a irmã.

O bote deslizou pelo mar revolto, inexplicavelmente de forma tranquila, mesmo quando na rebentação ele não se desestabilizou. Perto da praia ele estancou. A noite estava escura, mas Davy olhou para a areia com fascínio, terra firme era o seu sonho mais almejado nos últimos tempos.

Os adultos não davam nenhum sinal de que iriam recobrar a consciência, o pirata apanhou a menina e se metendo na água a levou até a praia, ao se virar de volta para o mar ele teve receio, como que entendendo suas dúvidas uma onda mansa veio lambe seus pés.

— Vá buscar meus pais — pediu a garotinha chorosa. Davy olhou para ela, decepção-la seria o mesmo que magoar Laura novamente.

O pirata estava exausto, ele trouxe primeiro a mulher no colo, depois voltou e com a ajuda do garoto arrastou o homem, a garotinha correu para ajudar, já estavam quase na areia quando ele pensou: *“Eu não preciso voltar.”*

Eles não viram a onda bravia se formar, mas ela derrubou os três, atordoadas as crianças trataram de segurar o pai para que ele não fosse sugado pelo mar, então ouviram os gritos de Davy.

— Nãooooo! — Eles correram em seu socorro, mas não conseguiram alcançá-lo, a correnteza o puxou para dentro do mar e elas logo o perderam de vista.

O oceano o tragou rápido e mesmo que Davy se debatesse, ele só parou quando estava ao lado do bote, ele tentou nadar de volta para praia, mas a correnteza o jogou de encontro ao escaler, bateu a cabeça contra ele várias vezes, até que desistiu, subiu e foi levado de volta ao Holandês Voador, que o aguardava próximo dali.

— Como um homem não pode ser dono de sua própria vontade? — bradou ele para o céu escuro. — Eu tenho direito de fazer o que quiser da minha vida, ouviu! — Só havia o silêncio da noite e Davy contrariado desceu a sua cabine, seus olhos encontraram o espelho mágico e nele agora não se refletia uma tragédia, mas uma benção dos céus: na praia que o pirata estava momentos antes, os pais acordaram emocionados, felizes e agradecidos se abraçaram aos filhos. Era esta sua maldição; era este seu dever; sua missão, agora ele sabia e se sentiu bem com isso.



— Jones teria gostado muito de você — disse Dona Mercedes acariciando os cabelos de Laura, esta abaixou os olhos.

— Não seria digna de um homem como seu filho — disse ela.

— Não seja tola, você é um anjo bom que acalmaria o gênio de Jones. — Laura olhou-a sem entender. O padre entrou na pequena cela.

— Queria falar comigo? — perguntou se dirigindo à Laura, ela assentiu.

— Eu preciso ir agora — disse Dona Mercedes, satisfeita em não precisar explicar suas palavras. Laura pegou em sua mão.

— Volte amanhã? — Dona Mercedes anuiu e saiu.

— Então minha menina?

— Eu gostaria que me ouvisse em confissão. — O padre concordou. — Perdoe senhor, porque eu pequei, eu me entreguei a um homem. — O padre levantou a cabeça, estava estupefato.

— Como, onde?

— Um homem me resgatou, me levou a sua cabine e me possuiu.

— Laura querida... Isso não aconteceu... Foi uma alucinação. Você passou dias em alto-mar, sob o sol e o menino Javier viu quando você veio boiando em cima de um destroço do navio.

— Isso foi depois do segundo naufrágio.

— Segundo naufrágio? Esta embarcação que te resgatou também naufragou? — Laura anuiu. — Oh querida, você está confusa, distorceu todas as histórias, a nau do seu noivo também afundou, então teria ocorrido um terceiro naufrágio da embarcação que te resgatou? Isso é impossível.

— Mas padre, eu sei que aconteceu.

— Não quero ouvir mais nada Laura, depois de sua total recuperação falamos sobre o assunto. Dona Mercedes está muito feliz porque você foi encontrada, o seu dote se perdeu no mar, mas a bondosa senhora dará uma contribuição em favor do convento pela sua admissão, não a aborreça com esta sua fantasia.

— Padre o convento não pode me aceitar, não sou mais pura.

— Deixe de sandices, Laura! — disse ele enérgico. — Logo que se recuperar verá que esteve fora do seu juízo. Vou mandar trazerem água fria para o seu banho, isso acalmará seus ânimos e fará com que seu bom senso volte.

Naquela noite, Laura sonhou com o pirata e ao despertar sentiu suas entranhas se apertarem à procura do corpo do homem que a havia possuído e a enganado. Ela sabia que não tinha imaginado Davy e tudo que havia acontecido naquela noite. O padre entrou de repente a surpreendendo, viu seu rosto corado e peito arfando.

— As freiras me disseram que você já está bem. Vou recomendar que continue com o banho frio, pelo jeito está precisando.

— Eu tenho certeza do que aconteceu, por favor, eu não sou pura o convento não pode me aceitar.

— Isso não é empecilho, Laura. Muitas viúvas se tornam freiras.

— Padre, eu não quero ir para o inferno por ter enganado os céus.

— Você não vai para o inferno, já me comunicou e se eu sei, o céu está ciente, não se preocupe. O que está me aborrecendo são estes seus calores. — pegou no queixo dela e virou de um lado para o outro. — Não fica bem uma noviça com o rosto afogueado, eu sei muito bem o que deve estar se passando aqui. — O padre bateu com o indicador na cabeça de Laura. — Para você estar refletindo as cores das chamas infernais. Vou mandar tirar esta cama também, dormir no chão é muito recomendado em casos como o seu e os cobertores não são necessários, já que a senhorita parece ter uma chama própria em seu interior. — Ela anuiu concordando com o padre, longe de se achar injustiçada, ela acreditava que ele estava sendo

benevolente lhe dando a oportunidade de ficar no convento depois de sua falta. — Receberá Dona Mercedes em nossa sala de estar a partir de hoje.

Capítulo IV

No dia seguinte, após a refeição matinal, Davy saiu para o convés. Um barulho de algo batendo no casco chamou sua atenção, constatou que era o escaler, mas ele não sentia dentro de si o chamado das outras ocasiões.

— Não há nem uma tempestade, nem uma nau está afundando em um dia lindo como este. — olhou ele para o céu azul. — Consequentemente ninguém para salvar. — Ele virou-se de costas e o bote bateu com mais força contra o casco, Davy resolveu descer. — Vamos ver para onde quer me levar. — A embarcação parou na praia, próxima a algumas pedras. — Tem alguém que tenho de salvar em terra? Pensei que meu serviço era somente no mar. — Ao desembarcar, ele sentiu um peso no bolso da calça e constatou que ele estava cheio de moedas de ouro. — Isto não estava aqui. — Ele olhou estupefato para a praia e para as moedas. — A anistia de três dias que eu ganhei no jogo com “o coisa ruim”. Laura! Mas antes terra e rum. — Davy saiu correndo para a cidade, sentiu seu órgão pulsar dentro da calça, não se lembrava de sentir-se tão excitado em sua vida, o volume tornou o caminhar desconfortável e ele maneirou o passo, o órgão avantajado, o desejo desenfreado fê-lo adiar seus planos.

Andou por uma rua de comércio e entrou pelas vielas mais apertadas encontrando o que precisava antes de partir em busca do destino de Laura, tabernas que ofereciam rum e companhias à vontade. Davy sentia necessidade de descobrir se o corpo de Laura foi encontrado e enterrado, queria levar-lhe flores no cemitério, pedir perdão, enfim precisava de uma absolvição, não sabia quase nada sobre ela, mas lhe pareceu ter um coração bom, guardava a certeza de que ela lhe perdoaria de onde quer que estivesse.

Ele entrou e se sentou no banco junto ao balcão, dois bancos estavam vazios entre ele e o outro freguês do botequim, o balconista cochichava com os frequentadores.

— Estão dizendo isso porque não viram o quadro. É impressionante, o próprio momento no auge do acontecimento parece ter sido invocado e fixado naquela tela. Tudo bem que o homem sempre foi um bom pintor, mas aquilo? Por Deus, só pode ser magia negra. — Todos que o ouviam atentamente se arrepiaram.

— Que coragem a deste homem. Não tem ele medo de retratar com tamanha perfeição uma assombração? — disse um dos fregueses.

— Os filhos do pintor dizem que o fantasma salvou-lhes a vida — comentou outro.

— Bobagem de crianças e eu duvido que o quadro seja tão bom assim. — completou um dos homens entornando sua bebida.

— Só quem viu pode nos dizer, nos conte como ele é — pediu o freguês ao dono do estabelecimento que começou a narrar teatralmente.

— O céu coberto de nuvens negras, mesmo assim a lua teima em iluminar o oceano. Nas gigantescas ondas espumantes, oscilando suavemente, um navio espectral e sobre ele, recostado no mastro, o capitão vestido com um sobretudo preto, em seu rosto branco com fundos olhos negros reflete uma luz diabolicamente avermelhada vinda de um archote preso ao mastro. Em volta da nau boiavam cadáveres; ao longe um navio tendo o mastro partido a naufragar. De perto parece um quadro comum, mas tomando alguma distância ele parece tomar vida, tudo parece se mover. Pode se jurar que a água irá engolir os corpos e que o

archote solta fumaça e crepita, enquanto que o olhar do capitão arrepia e entristece ao mesmo tempo.

Davy estava paralisado ouvindo a conversa, ele sabia que estavam falando dele e da família que salvou. O homem era um pintor e o havia retratado, Davy só queria esquecer aquilo tudo, não desejava ser uma assombração, nunca mais voltaria àquele navio e aquela lenda deixaria de existir. De tudo aquilo só restaria o quadro e nada mais, estava decidido.

Os homens perceberam sua presença e o encararam. O dono da taberna perguntou:

— Rum ou mulher?

— Os dois — respondeu Davy.

— Você está com sorte, chegou carne nova, ela apareceu aqui hoje cedo à procura de trabalho — disse enquanto servia o pirata. — É cor de ébano, tem um corpo perfeito. — O homem piscou para Davy.



Luc estava deitado em seu divã, a gata Mingau pulou em seu colo, quando ele acariciou seu pelo, ela ficou em chamas literalmente, Luc sorriu.

— Você gosta mesmo de um cafuné, pequena. — A gata ronronou em resposta e incendiou novamente.

A Má Suprema entrou no recinto e o olhou com a gata sentindo ciúmes. Felinos sempre apareciam em sua vida depois que foi adotada pela deusa Bastet, tinha certeza que eram enviados pela mãe, para que a protegessem, por isso mesmo sempre os enxotou, não precisava de proteção, gostava de ser poderosa e independente, mas aquela gata infernal havia aparecido em seus domínios e Luc se afeiçoou a ela quando percebeu que ela ficava em chamas toda vez que ele a acariciava, além disso, não suportava ver seu homem dando atenção a qualquer um que não fosse ela. Queria manter o poder absoluto sobre ele, afinal ela o havia descoberto e lhe dado poderes, somente a ela, ele poderia dar atenção.

— Não sei por que você dá atenção a esta pulguenta?

— Mingau não tem pulgas! — disse Luc ofendido, a Má lhe olhou incrédula. — Elas morrem torradas quando ela incendeia. — Luc riu e ela olhou com cara de pouco caso.

— Que animal de estimação mais ridículo — rebateu a Má Suprema.

— Má Suprema, querida — Ela se contorceu toda como um felino ao ouvir seu apelido pronunciado em tom meloso. — Você não tem que se preocupar com coisas tão pequenas, afinal você é filha da mais bela de todas as felinas, a deusa egípcia Bastet e o mais vingativo e poderoso de todo o universo, o deus egípcio Seth. Por que fica se preocupando com animais de estimação? — A Má lembrou-se que sua origem era muito anterior a isso, fora criada para o bem, mas resolveu testar seu poder de sedução e ela e Lúcifer se deram mal, bilhões de anos após a sua queda é que fora adotada pelos deuses egípcios Bastet e Seth.

— Já temos o Croquinho, você não precisava arrumar esta gata oferecida. — O crocodilo ao ouvir seu nome saiu debaixo do divã onde estava escondido e passou a mandíbula pela perna de Luc, ele deu um salto jogando Mingau longe e ficou em pé sobre o móvel. — Viu como ele é carinhoso.

— Carinhoso? Sei... este mostro está louco para provar minha perna, manda ele se afastar de mim, Dara!

— Como é? — perguntou indignada ao ouvir seu nome ao invés do apelido que amava.

— Quer dizer... Má querida, manda o Croquinho sair de perto de mim.

— Assim está melhor. — Ela se abaixou. — Filhinho vem pra mamãe, vem. — Ela o chamava com as mãos e o crocodilo virou-se para ela abanando a cauda em um contentamento explícito, seguiu em sua direção, ela o aninhou em seus braços e ficou fazendo carinho em sua cabeça. — Veja, meu amo e senhor, que doce de criatura ele é.

— Com você, Má Suprema — disse Luc saltando do sofá, procurou Mingau com os olhos, mas ela já tinha se escondido em algum canto. — Ele não simpatiza comigo.

— Oh *mon chéri*, como alguém pode não gostar do meu senhor? Um homem tão elegante e sedutor, quando o vi na jogatina daquele bar foi paixão à primeira vista, tornou-me para sempre escrava deste amor. — Dara deu uns tapinhas no Croquinho e ele se afastou, Luc então se aproximou a enlaçando pela cintura. — Então eu o segui e o vi embarcar em um navio, naufraguei aquela galera espanhola apenas para poder me apossar de sua alma.

— E nem seria necessário, era só ter me chamado e eu a seguiria por onde quer que fosse.

— Mas eu queria lhe dar uma prova de amor, um naufrágio é algo supremamente romântico, todas aquelas pessoas gritando, famílias inteiras se afogando, aquele cenário de caos era propício ao início do nosso colóquio amoroso, eu não resisti. Quando eu disse que o salvaria da morte se me entregasse sua alma, você aceitou imediatamente e ajoelhou-se aos meus pés.

— Entregaria minha alma a você em qualquer situação, minha amada Má, mas todas aquelas pessoas sendo devoradas pelo oceano foi uma prova de amor sublime, só você poderia realizar um espetáculo tão grandioso.

Os dois se fundiram em um beijo apaixonado, Luc a levou ao divã e os uivos de amor mantiveram os bichinhos de estimação afastados por todo o dia.

— Quero ver se vale a pena — Davy  bateu o copo em cima do balcão e estalou a língua. — Vou subir. — O dono do estabelecimento o acompanhou. Liz lhe mediu de cima a baixo com visível interesse, Davy se ateu ao seu corpo cheio de curvas, ele estava pasmo com sua exuberância, uma mulher completamente diferente de Laura, era tudo que ele precisava naquela noite. Seu desejo estava evidente no volume de sua calça.

— Pagamento adiantando — exigiu o proprietário do estabelecimento, Davy lhe entregou duas moedas de ouro o homem saiu do quarto fechando a porta atrás de si.

— Agora você é meu — disse Liz já o envolvendo em seus braços, ela escorregou a mão por seu corpo quando chegou ao seu membro o pressionou. — Impressionante. — Ela se agachou ao seu lado e abaixou sua calça. — Nossa! — Davy olhou para baixo e fez cara de espanto, não tinha proporções modestas, mas aquele tamanho avantajado não era o seu normal. “*Todo este desejo e proporção só podem ter ligação com a maldição.*”, pensou ele, seus testículos doíam de tanta excitação e ele não conseguiu continuar a raciocinar, segurou o braço de Liz a fazendo levantar-se, beijou sua boca com volúpia, enfiou a mão por dentro do seu vestido, agarrou seus seios volumosos os expondo para o deleite de seus olhos, atacou como um esfomeado enquanto a levava em direção ao leito, empurrou-a para a cama e se jogou como animal feroz em cima de sua presa. Deixou-se dominar pelo desejo afundando-se no mar de luxúria que era o corpo de Liz.

Deitado no divã, Luc apreciava o belo  corpo de Dara, não se arrependia de ter entregado sua alma a ela, tinha antes uma vida de devassidão, jogatina, mulheres... Muitas mulheres, mas as reclamações de sua mãe se tornavam cada vez mais insistentes, ela o acusava de estar dilapidando o patrimônio da família, dizia que ele era seu único herdeiro e teria de assumir os negócios e ter filhos para que houvesse uma continuidade, queria jogar toda esta responsabilidade em suas costas enquanto ele apenas queria saber de viver a vida, estas cobranças se tornaram insuportáveis, ela havia até mesmo combinado seu casamento com uma moça de uma terra distante, insistia que ele escrevesse para a noiva, coisa que ele nunca fez, então ela mesma escreveu passando-se por ele, falava de tudo que anseia a alma feminina e o

filho apenas assinava sem se preocupar em sequer ler o que estava escrito, mas o dia de partir em busca da futura esposa chegou, a mãe não o acompanhou, ela odiava o mar desde o desaparecimento do filho mais novo na praia há muito tempo. Luc saiu um dia antes do necessário, passou o dia em orgias e depois foi para jogatina, segundo a Má Suprema foi neste momento que ele chamou a sua atenção, mas ele não a viu, pois nunca deixaria de notar uma beldade como aquela.

Quando Luc subiu na galera para partir sentiu seu coração apertar no peito, acreditou que era medo da vida de casado, nunca poderia imaginar que perderia sua alma naquela viagem e que esta seria a experiência mais suprema de sua vida.

A Má Suprema se espreguiçou, como uma grande felina, e Luc voltou de suas lembranças.

— Querida, quem você enviou para o nosso pirata?

— A bela Liz, meu senhor.

— Este trapaceiro não merecia tanto — disse Luc passando o indicador sobre o lábio inferior. — Quando ela chegar a traga até mim. Preciso saber direitinho o que aconteceu.

— Sim, meu senhor, sou escrava do seu amor, farei tudo como deseja. — Ela abaixou a cabeça em fingida submissão, Luc sorriu satisfeito, acariciou-a, em seguida levantou e se afastou. A Má Suprema apertou os olhos com raiva. — Nunca outra mulher há de se aproximar do meu amo e senhor.



Davy lembrava-se vagamente de ter ouvido batidas na porta e de ter lançado algumas moedas em direção a mesma.

— Estou me sentindo enjoado — disse ele quando finalmente saiu de cima de Liz e se sentou na cama. — Eu preciso ir, tenho uma busca a fazer. — O mal-estar não deixou que ele se levantasse. — Não sei o que acontece comigo, não posso ficar doente agora... — Uma ânsia de vômito fez com que ele se interrompesse. — Preciso ir à cidade.

— Você não vai conseguir ir a lugar nenhum, está mareado.

— Mareado? Estamos em terra firme.

— Você só vai melhorar quando voltar ao seu navio.

— Eu não vou voltar!

— Ou volta ou irá morrer, a trégua que Luc lhe deu acabou.

— “O coisa ruim” me deu três dias.

— Quanto tempo acha que estamos neste quarto?

— Algumas horas. E como você sabe do meu trato com “o coisa ruim”?

— Faz três dias que estamos nesta cama.

— Não pode ser! Nenhum ser humano aguentaria.

— Só os amaldiçoados, como nós — disse Liz sensualmente. — Passou mesmo muito rápido, espero reencontrá-lo em breve, pertencer a um harém é muito triste, mais ainda quando há uma megera que não deixa nenhuma outra mulher se aproximar do único macho do local. — Davy lembrou-se das pernas de animal de Luc, em seguida dobrou o corpo e vomitou no chão. — Erg! Preciso ir, é melhor você retornar logo, seu estado só vai piorar.

Davy ficou mais um tempo no quarto, como Liz lhe disse, ele só piorava, chamou o dono da estalagem e ele lhe confirmou que havia ficado no quarto por três dias, Davy tentou permanecer ali, mas o comerciante percebendo que ele estava doente e piorando cada vez mais disse ao pirata que ele teria de sair, quando perguntou sobre Liz, o homem disse que ela tinha desistido da profissão e ido embora.

— O senhor deve ter assustado a garota, três dias foram demais para ela.

Davy pagou o que devia e perambulou pela rua por algum tempo enquanto sentia-se a cada minuto mais debilitado, não parava de vomitar e sua cabeça rodava o tempo todo, lembrava as pessoas que entravam em uma embarcação pela primeira vez, mas a diferença é que ele se sentia desta forma em terra firme. Quando percebeu estava de frente para a praia, viu o escaler o aguardando, mas só quando estava no limite das suas forças subiu nele.

Capítulo V

Assim que Liz chegou, a Má Suprema se fechou com ela e o Croquinho na sala. Liz tinha o olhar firme, temia a soberana do inferno, mas ao contrário das novatas que tremiam e choravam descontroladamente diante dela, Liz já estava ali há muito tempo e conseguia controlar seu pavor. A Má tinha os olhos pregados nela, tocou a cabeça da mulata a obrigando a compartilhar todas as lembranças do colóquio com o pirata. Enquanto as imagens passavam para sua mente e as sensações faziam seu corpo estremecer, a Má gemia e se contorcia de prazer, Liz se sentia espoliada ao ser forçada a dividir seus momentos íntimos e seus gozos com a sua senhora, mas ela nada poderia fazer diante do poder de aniquilação do crocodilo de estimação que seguia as ordens à risca de sua dona, causar a menor contrariedade a Má Suprema podia significar ser devorada por Croquinho.

— Ah! — gemeu a Má afastando o indicador da cabeça de Liz e deixando-se cair em uma poltrona de *capitone* forrada de vermelho e adornada com ouro, só quando seu corpo parou de ter espasmos de prazer que ela se voltou para Liz que estava aguardando suas ordens. A Má tocou em seu coração e ordenou. — Recorde-se de um dia em que sua aparência física lhe desagradou, neste dia ao olhar no espelho você desejou ser completamente diferente. — Liz não conseguia resistir à ordem daquela maldita mulher, recordou-se de sua adolescência longínqua ao deparar-se com a imagem do corpo que tomava formas arredondadas e o que a fazia alvo de olhares de cobiças. Ela detestava chamar a atenção e passou a odiar a imagem que via na frente do espelho. A Má assimilou aquele sentimento de desprezo e começou a se alimentar dele, aos poucos foi se modificando, sua pele tornando-se mais escura e firme, seu corpo se moldando com quadril e seios mais fartos, o cabelo se encrespando, adquiriu uma boca convidativa e os olhos se tornaram levemente puxados e muito pretos. A Má se transformou em uma copia fiel de Liz. — Agora vá para o seu quarto e só ouse sair de lá quando eu ordenar. — Liz se virou para sair, a Má se dirigiu ao crocodilo. — Siga-a e monte guarda na porta do aposento. — Liz foi para o seu aposento, seguida de perto pelo crocodilo, enquanto a Má Suprema se dirigia ao quarto de Luc.

— Me chamou, senhor? — disse com a cabeça baixa com fingida submissão.

— Venha até aqui, Liz. — Ela se aproximou ainda sem olhá-lo nos olhos. — Quero que me diga tudo que aconteceu com aquele traiçoeiro do Davy Jones.

— Vou fazer melhor que isso, meu senhor, vou lhe mostrar. — Ela o enlaçou em seus braços, beijou-o e os dois só se largaram horas mais tarde quando Luc se dirigiu ao navio para esperar a chegada do pirata.



Um mês de banhos frios, dormindo no chão, muito trabalho e horas intermináveis rezando tinham sido capazes de nublar as imagens que Laura trazia em sua mente do belo pirata, ela já começava a duvidar da veracidade dos fatos, mas quando a tristeza e a solidão pareciam intoleráveis, ela se agarrava às lembranças, qual náufrago em sua tábua de salvação. Por mais que tentasse esquecer, em certos momentos sentia que as suas reminiscências eram indispensáveis para preservar a sua lucidez.



Assim que Davy Jones pôs os pés no Holandês Voador sua cabeça parou de rodar e as náuseas passaram.

— Seja bem-vindo ao lar! — pronunciou Luc com entusiasmo.

— O que faz aqui ser infernal?

— Não esperava por este elogio, acho que as miniférias lhe fizeram bem. — gargalhou Luc. Davy sentou-se na amurada, havia melhorado, mas sentia-se fraco e derrotado. Havia sido ludibriado, em três dias ele só havia conseguido se satisfazer sexualmente, não descobriu nada sobre Laura e muito menos sobre como se livrar daquela maldição. — Liz de Ébano realmente acabou com você, sua aparência está deplorável.

— Isso foi trapaça! — gritou Davy revoltado.

— Trapaça é roubar nos dados, eu te enviei uma das minhas mais belas concubinas e é assim que você me agradece?

— Você não vai mais me enganar. Eu vou conseguir me livrar desta maldição na próxima anistia.

— Quer apostar? — Luc gargalhou alto, Davy sentiu raiva.

— Chega de apostas, deixe-me em paz.

— Aprendeu seu insolente? Perdendo ou ganhando eu sempre levo a melhor, só negócio para lucrar e só vou lhe deixar em paz quando me cansar da brincadeira. — gargalhou novamente, puxou o sobretudo, que trazia sobre os ombros, envolveu-o em seu corpo e sumiu no ar.



Dona Mercedes aguardava Laura na sala de estar do convento, as freiras já tinham avisado a noviça que a senhora queria que ela a acompanhasse até a cidade.

— Que bom vê-la, senhora — disse Laura ao entrar.

— Eu fico também feliz em vê-la, querida. Vamos, tenho pressa.

As duas foram de carruagem até o centro, Laura estava impressionada com o movimento da cidade, pararam na frente de uma residência e duas crianças foram correndo ao interior da mesma avisar aos pais. O casal foi receber as visitas.

— O senhor é o pintor? — apressou-se Dona Mercedes a perguntar, o homem assentiu. — Tenho interesse em seus quadros.

— Entrem, por favor. — Na sala havia diversas obras penduradas nas paredes, Dona Mercedes examinava as pinturas, enquanto o pintor lhe informava o local que estava retratado e algumas especificações sobre data que foi realizada ou o que havia o inspirado. Laura estava amando o passeio. Sair daquele convento lhe deu a sensação de recuperar a liberdade perdida, quando disse ao pai que queria se tornar freira estava triste pelo desaparecimento de Jones e pensou que entrar para a vida eclesiástica seria a melhor opção. Aquelas paisagens retratadas nos quadros para ela eram apenas distração, mas para Dona Mercedes parecia ser algo muito importante, já que ela as examinava com muito cuidado e até uma lupa ela havia levado para enxergar melhor todos os detalhes.

— Mas ele não está aqui — falou alarmada a velha senhora ao pintor, Laura continuava distraída com as pinturas e não se deu conta da conversa que se desenrolava ao seu lado.

— O quadro do espectro não está à venda.

— Mas senhor, eu vim aqui por ele...

— Entenda senhora, eu não posso me desfazer daquele quadro, eu e minha família nos salvamos daquele naufrágio por um milagre. Depois aquela pintura... por Deus... parece haver algo sobrenatural nela...

— Deixe-me pelo menos vê-la — rebateu Dona Mercedes, o pintor concordou com um sinal afirmativo da cabeça, saiu do cômodo e voltou com um quadro coberto com um lençol,

quando ele puxou o tecido, Dona Mercedes levou a mão à boca e puxou a respiração espantada, o ruído chamou a atenção de Laura, que ao vê-la paralisada correu em sua direção.

— O que houve, Dona Mercedes? — A velha senhora apontou para a pintura só então Laura viu o rosto pálido e os grandes olhos negros retratados naquele quadro, a água do oceano parecia se mover, o navio oscilar e Davy Jones a encarava com seus olhos cheios de culpa e arrependimento, Laura sentiu-se na presença daquela figura máscula e intimidadora, seu corpo aqueceu, mas em seguida lembrou-se do logro que fora vítima do iminente naufrágio daquele navio que via agora retratado a sua frente, então um frio de morte a invadiu repentinamente ao imaginar que Davy estava morto. Não suportando mais os turbilhões de emoções perdeu os sentidos.

— Laura, querida! — chamou Dona Mercedes, o pintor a carregou até o sofá e a dona da casa correu para buscar um copo de água.

Laura voltou a si, mas não conseguia tirar os olhos da pintura, o homem percebendo cobriu o quadro.

— O senhor não quer mesmo vendê-lo? — perguntou Dona Mercedes antes de ir embora, o homem negou, a velha senhora percebendo a condição humilde da casa, então comprou outros três quadros e pediu ao pintor que caso resolvesse vender o quadro do seu interesse que entrasse em contato com ela.

As duas entraram na carruagem, Dona Mercedes estava pensativa, Laura parecia catatônica.

— Você vai para minha casa — anunciou a senhora na carruagem. — Mandarei avisar no convento, vou cuidar de você querida, não se preocupe.

A mansão de Dona Mercedes era composta de muitos cômodos, os quartos em sua maioria estavam fechados, eles permaneciam assim desde a partida de seus ocupantes para o outro mundo, assim a cada morte de um membro da família a câmara era fechada e ninguém mais a usava, Dona Mercedes passava pelo corredor informando à Laura, tal qual um guia dentro de um museu, quem era o proprietário do referido aposento.

— Este era o da minha mãe, este eu ocupei quando meu marido era vivo, depois me mudei para aquele, este era o de Jones, este meus pais ocuparam até a morte do meu pai, este era do meu filho mais novo, este do meu irmão... — Elas subiram por uma escada até o sótão. — Como pode ver só restou este quarto para ser ocupado. — Dona Mercedes abriu a porta, as duas entraram, era amplo, o teto não era baixo, apesar de apresentar os desníveis do telhado, havia uma cama de casal, uma mesa de trabalho e as janelas tinham uma visão espetacular. Laura contemplou a lua que iluminava o oceano, era a primeira vez que via o mar depois do seu resgate, sentiu uma força estranha que parecia atraí-la, chacoalhou a cabeça, ainda não havia se recuperado do desmaio, sentia-se extremamente cansada e seus membros estavam pesados.

— Você precisa descansar, vou pedir à Martha que traga sua refeição e as roupas de cama.

— Não precisa, no convento eu não como à noite e também não durmo em cama.

— Que absurdo! Não dou uma fortuna àqueles padres para você dormir no chão.

— Eu não acho ruim, senhora. É necessário domar minhas más tendências.

— Que más tendências, minha querida? Você é um anjo. — Dona Mercedes acariciou o rosto de Laura e saiu do quarto. O quadro reavivou as lembranças da moça e o belo rosto do pirata não saía de sua cabeça, a vista do mar lhe passava uma angústia infinita.

Laura passou a noite em claro, torturada por suas lembranças, incomodada com a luz da lua levantou-se várias vezes e em uma delas percebeu petrificada um navio parado na baía. “*Só posso estar tendo alucinações.*”, pensou.

O Holandês Voador havia se dirigido à costa e parado na baía, a proximidade com a terra firme deixava Davy ainda mais angustiado, ele ficava imaginando qual seria o sentido daquilo tudo. Olhou para a areia e suspirou, avistou uma bela casa construída no alto da pedra que estava a sua esquerda, havia uma luz tremulante no sótão, na janela Davy visualizou o vulto de uma mulher e seu corpo todo se arrepiou.

— Só posso estar maluco, parece a Laura — disse pasmo, uma alegria tão grande o invadiu ao imaginar que ela poderia estar viva que sem pensar ele olhou para o céu e se dirigiu a Deus. — Ô Senhor, faz com que seja verdade. — Em sua mente apareceram trechos de orações. — Alguém um dia deve ter me ensinado a rezar... Ave Maria cheia de graça... Bendito é o Fruto do vosso ventre... Santificado seja o Vosso nome... que inferno troquei tudo — disse com raiva de si mesmo e um raio cortou o céu caindo bem perto, na hora Laura se assustou e saiu da janela, Davy se desesperou. — Não, não, não... volta, por favor, e vou rezar... Ave Maria... — Então ele desceu pela escada de cordas sem deixar de pronunciar a oração, chegou ao escaler e começou a remar para a praia, saltou dele sempre com os olhos fixos na janela para ver se ela retornava, escalou as pedras, arranhou-se na vegetação e chegou ao jardim da mansão, a janela permanecia vazia, Davy não teve dúvida, caiu de joelhos no chão e suplicou a Deus, no mesmo instante, Laura apareceu na janela, seus olhos não desceram aos jardins da casa, mas foram direto ao navio, ela tentava encontrar Davy no convés, no tombadilho e na popa, enquanto ele estava paralisado com a visão de sua Laura viva.

Então ela saiu da janela e a luz da vela se apagou, não importava que ela não o tivesse visto e que devido às maldições, eles nunca mais pudessem estar juntos, saber que Laura, por sua culpa, não havia morrido era o bálsamo que seu coração precisava, Davy encostou a cabeça no gramado e por um longo tempo chorou e balbuciou palavras de agradecimento aos céus.

Capítulo VI

Laura passou a noite relembrando de Davy Jones, seus pensamentos não permitiram que ela tivesse um sono tranquilo e quando conseguiu finalmente adormecer a figura do pirata lhe apareceu suplicando perdão.

— O café está servido, senhorita — disse Martha através da porta.

Ela levantou-se e foi cuidar da higiene pessoal antes de descer. Na sala de refeições, Senhora Mercedes estava tomando seu jejum, sentada à cabeceira da mesa, quando Laura se aproximou.

— Venha, minha querida. Sente-se aqui e me faça companhia. — Laura sentou-se a sua esquerda, a empregada colocou uma xícara de café com leite a sua frente e um pão quente. Dispostos à mesa ainda havia frutas e pães variados. — Sente-se melhor?

— Sim, Dona Mercedes. Eu queria lhe pedir perdão por ter lhe dado trabalho ontem, eu é que deveria cuidar da senhora e aconteceu justamente o contrário.

— Não se preocupe com isso, minha querida. Hoje como se encontra restabelecida vou lhe mostrar o resto da casa e os meus jardins. — Laura sorriu. Dona Mercedes abriu a primeira sala, depois outra e mais outra, Laura ficou com pena dela, a casa era tão grande e confortável e após a morte de Jones aquela senhora não tinha mais com quem compartilhar tudo o que possuía. Nas paredes da última sala havia muitos quadros pendurados, as molduras eram entalhadas e douradas, igualmente como os móveis daquele aposento. — Já mandei fazer molduras novas para os quadros que comprei ontem, as que o pintor colocou não combinariam com a minha decoração. — Laura assentiu. Dona Mercedes apontou para um quadro. — Meu marido foi retratado por um excelente pintor, veja.

— Nossa que perfeição é este quadro — disse Laura.

— Oh! Preciso te mostrar Jones. — Ela pegou a mão de Laura e a puxou para o fundo da sala, elas pararam em frente a um retrato de um homem jovem e belíssimo, possuidor de um olhar enigmático, embaixo estava a legenda Lucian Jones.

— Lucian? — questionou Laura voltando-se para Dona Mercedes.

— Ele sempre detestou o primeiro nome, sempre usou somente Jones. — A senhora apontou para o quadro ao lado em que ela e o marido estavam retratados com duas crianças aos seus pés. — Veja como ele era quando pequeno. — apontou para o menino mais claro e com cabelos lisos e revoltos.

— E este outro? — questionou Laura apontando para o menino de cabelos encaracolados.

— É o meu filho que desapareceu quando criança — disse ela em um tom de lamento. Dona Mercedes se virou para a parede ao lado. — Os dois sempre desciam para brincar na praia, tinham recomendações severas para não entrar no mar, ficavam construindo castelos de areia, um dia Jones voltou correndo e gritando que o irmão havia sido levado por piratas. — Dona Mercedes deu de ombros. — Eu tenho certeza que ele inventou esta história para não apanhar, os dois devem ter entrado no mar e o pequeno deve ter se afogado. Meu querido Davy.

— O quê? — Laura achou que não havia escutado bem.

— Meu menino mais novo, veja os dois retratados aqui quando crianças.

Laura viu primeiro o quadro da criança, cuja designação logo abaixo dizia Lucian Jones, mas seus olhos correram imediatamente para o quadro seguinte, completamente diferente do primeiro, pois o menino retratado naquela tela tinha a pele bronzeada e cabelos ondulados; aqueles olhos pretos e os cílios longos lhe eram tão familiares. Laura não podia crer no que via, mas seus olhos pousaram na legenda e não podia haver mais nenhuma dúvida, então ela perdeu os sentidos.



A descoberta sobre Laura mudou tudo dentro de Davy Jones, mas sua vida continuou inalterada, os salvamentos que ele realizava prosseguiram, mas a despeito disso sua fama de terror dos mares se avolumou em proporções absurdas, percorreu todos os portos e chegou a países longínquos. Não havia mais nenhuma citação sobre os salvamentos, falava-se apenas do mau agouro que era ver o navio fantasma, as pessoas acabaram por inverter a cronologia dos fatos, dizendo que primeiro alguém da embarcação via o navio espectral e depois disso ela começava a sofrer, avistar o Holandês Voador se tornou sinônimo de tragédia.

Para Davy nada disso tinha mais importância, sua maldição transformara-se em missão, tarefa que ele realizava com muito empenho, durante a anistia de três dias ele procurava se esquecer de sua sina em braços femininos, mas nem uma delas teve o poder de fazê-lo se esquecer de sua amada e mesmo que ele quisesse não conseguiria, pois volta e meia o Holandês Voador se dirigia para a baía e ele ficava diante da mansão na pedra com os olhos grudados na janela do sótão, esperando para ver Laura.

Naquele local ele nunca mais se atreveu a descer, agora sabia que o poder da oração e a pureza de seus sentimentos eram passaporte para se aproximar dela, mas como poderia fazer? O que poderia lhe oferecer? Era um homem com uma missão eterna e uma maldição que o arrastava à devassidão, ele não tinha o direito de fazê-la passar por isso, não a sua pura Laura, a mulher que se ele não tivesse profanado teria se tornado freira, uma das eleitas de Nossa Senhora. Não poderia nunca obrigar criatura tão angelical a partilhar da luxúria que ele era tomado nos três dias que permanecia em terra. Não a angelical Laura.

A indissolubilidade daquela situação oprimia seu coração, continuava a desejar Laura, mas não via como se livrar da prisão que a maldição lhe impunha.



O quarto de Laura era o único com vista para o mar, depois de ter visto Davy nos quadros, ela se sentia totalmente perturbada pelo desejo que afluía à medida que o navio dele se aproximava da costa, seu nervosismo não passou despercebido a Dona Mercedes que insistiu com o padre em manter a moça junto a ela.

Volta e meia Dona Mercedes a encontrava admirando os quadros que retratavam os antigos moradores da casa e a velha senhora passou a lhe relatar as histórias de família, Laura se interessava mais por aquelas que diziam respeito às duas crianças.



Luc estava deitado no divã entediado, sua vida pós-morte já não fazia nenhum sentido, então ele tomou uma resolução e foi em direção aos seus aposentos.

Na sala de luz púrpura, acomodados nas prateleiras de uma bela estante de mogno, está a coleção da Má Suprema, dentro dos vidros os corações pulsam ininterruptamente como se dentro de um corpo humano ainda estivessem, a Má os admira e raciocina que enquanto eles estiverem sob o seu poder seus respectivos donos serão seus escravos, isso lhe proporciona uma sensação de poder e segurança. Ela para diante de um que está batendo em cima de uma

belíssima almofada dourada, confeccionada com fios de ouro e bordada com pedras de brilhante. A tampa do vidro também é de ouro e decorada com pedras lápis lazúli.

— Nunca ninguém vai me escapar, principalmente o meu amado Luc.

Ao sair da sala ela a trancou com sua chave em forma de coração, depois recitou um feitiço diante da porta e ela simplesmente desapareceu, parecendo que ali só há uma parede. Quando se dirigiu para a sala principal ela viu Luc com uma roupa diferente das que ele costumava usar.

— Aonde você vai? — Má Suprema questionou.

— Isto aqui está muito monótono resolvi dar uma volta por minha antiga cidade — disse Luc com um jeito triste, a Má sentou-se no divã.

— Mas você tem provocado diversos naufrágios e deixado Davy bem ocupado — disse displicente.

— A única coisa que eu tenho conseguido é ajudá-lo, Davy sempre salva aqueles que a hora da morte ainda não chegou, assim só o ajudo a cumprir sua missão e resgatar seus erros, ao invés de prejudicá-lo.

— A verdade é que você está doido para correr para a barra da saia da sua mãe — disse a Má com o olhar ameaçador, levantando-se do divã.

— Como é? — questionou Luc elevando uma de suas sobrancelhas.

— É isso que ouviu, o menino chorão está com saudades da mamãe — desdenhou a Má, Luc se virou para ela com a fisionomia fechada e a Má se arrepiou com aquele olhar, estava acontecendo algo com seu homem, e ela não tinha ideia do que se passava na cabeça dele, isso a deixou, pela primeira vez após sua morte, aterrorizada, Luc então se virou e saiu sem lhe dar satisfação. — Mas como? Eu ainda tenho o seu coração, como ele conseguiu ir embora? — disse ela atordoada, em seguida correu para a sua sala secreta, contou e recontou os corações, desrosqueou o que tinha a tampa de ouro, aquele coração ainda emanava amor, ela podia sentir. — Então por que Luc partiu?



Laura estava sentada no banco do jardim, olhava o mar enquanto pensava em Davy. *“Ele deve ter mesmo sido raptado por piratas, era apenas uma criança e foi criado entre aqueles monstros... pobre Davy não teve opção.”*

Ela então ouviu o barulho de folha seca, virou-se para ver quem se aproximava e abismada lembrou-se do quadro do filho de Dona Mercedes.

— Vo-cê, mas co-mo? — balbuciou ela, levantando-se do banco.

— Desculpe assustá-la, senhorita. Meu nome é Lucian Jones, dono desta casa e a senhorita?

— E-eu... sou Laura.

— Laura? A minha Laura?

— N-Não. E-eu vou ser freira — disse ela atordoada.

— Oh! — levou ele a mão ao peito vazio. — Por certo tomou esta decisão devido ao meu desaparecimento, mas eu lhe asseguro, senhorita, não foi de maneira alguma por minha vontade, a embarcação em que eu viajava para encontrá-la foi atacada, ficamos à deriva, passei meses tentando voltar para casa.

— O senhor desapareceu há dois anos. — Luc tomou um susto, porque para ele havia passado poucos meses ao lado da Má Suprema. Laura mais calma sentou-se no banco, ele se aproximou, ajoelhou-se aos seus pés, tomou-lhe a mão e a beijou, com os olhos presos aos seus, Laura percebeu as maneiras sensuais de Jones.

— Sua mãe ficará muito feliz ao saber que retornou.

— Oh! Minha mãe, sim. Quero muito vê-la, mas temo causar-lhe um ataque, temos que tomar cuidado, ela tem idade avançada, preciso muito de sua ajuda, minha querida Laura. Seria melhor mantermos o meu retorno em segredo, até termos a certeza de que a surpresa não lhe causará nenhum dano. Para o bem da minha velha mãe. Posso contar com a senhorita?

— É claro, mas como manteremos tal segredo?

— Ninguém pode saber para que a notícia não chegue de forma a arruinar a saúde frágil dela, conto com a senhorita para franquear minha entrada na casa sem que os criados notem. Pode fazer isso por mim, querida?

— Sim, é claro, agora mesmo seria o momento ideal, saíram todos para fazer compras de mantimentos e a Senhora Mercedes repousa no quarto.

Laura correu até a casa abriu a porta e olhou de um lado ao outro, Luc estava atrás dela.

— Ninguém à vista, vamos aproveitar. — Laura adentrou a casa deixando a porta aberta, foi até o meio da sala pensando que Luc vinha em seu encalço, mas ao olhar para trás não o viu, retornou à porta e o encontrou parado na soleira, com um jeito tenso. — O que houve? Por que está parado aí?

— Não sei se devo.

— Está preocupado por causa da sua mãe? Não se preocupe, ela está repousando e os criados saíram. — Laura pegou em sua mão. — Venha, entre. — Luc sorriu satisfeito pelo convite e a acompanhou. Eles subiram até o quarto de Laura.

— Eu não supunha que tinha uma noivinha tão gentil. — Laura corou sem graça.

A Má acompanhava o desenrolar da cena, viu e ouviu tudo, um ódio tenebroso a aqueceu e com os dentes trincados ela pronunciou:

— Você me paga, Luc. — Em seguida ela desapareceu.

— Errr! Senhor Jones, me desculpe, mas tenho que ser sincera, nosso casamento teria sido um erro, eu conheci outra pessoa — confessou Laura.

Luc abaixou os olhos e em seguida encarou a moça.

— Sinto o mesmo, senhorita. Eu estava querendo me enganar, meu coração foi roubado por outra dama, meu peito encontra-se vazio, sou um homem dilacerado por este amor não correspondido. — Nos olhos de Luc brilhou uma lágrima que ele não deixou cair.

— Oh! Pode me contar seu infortúnio se quiser, é claro.

Capítulo VII

Davy colocou um lenço na cabeça e se mirava no espelho mágico.

— Será que teremos alguma missão hoje? Pelo jeito não.

Quando Davy chegou ao convés do navio se deparou com a Má, ela trajava um vestido roxo colado ao corpo, o decote era proeminente e a abertura do vestido ia até sua coxa.

— Uau! — Em seguida ele chacoalhou a cabeça tentando afastar os pensamentos. — Eu não quero confusão, vá embora daqui.

— Quem disse a você que eu trago confusão?

— A maneira como está vestida diz tudo, vá embora, não quero encrenca com aquele diabo.

— Davy é importante, eu preciso falar com você.

— Tudo bem, mas eu quero que saiba que apesar de Luc não acreditar, eu respeito o fato de vocês dois estarem juntos e eu sei que ele é o poderoso senhor do inferno.

— Poderoso? Luc não é nada e seria menos ainda se eu não tivesse lhe dado o poder que ele tem hoje.

— Eu pensei que ele fosse o próprio...

— Lúcifer? — questionou a Má, Davy assentiu. — Você acreditou naquela conversinha? Assim você me decepiona, Davy Jones. Nunca pensei que fosse tão inocente. Luc é apenas um espírito errante, um pobre diabo como existem aos montes nas trevas do inferno. Lúcifer é... diferente. É outro nível de maldade. — Davy a olhou intrigado. — Vamos dizer que o conheça... muito bem, diga-se de passagem, tivemos um pequeno — Ela balançou a cabeça procurando pela palavra certa. — *affair*, infelizmente nosso relacionamento não foi bem visto... lá em cima. — A Má apontou para o céu. — O que acarretou alguns pequenos probleminhas.

— Pequenos probleminhas? — questionou Davy.

— Coisa pouca, a queda de Lúcifer — disse displicente, Davy abriu a boca pasmo.

— Você foi responsável pela queda de Lúcifer? — A Má encolheu os ombros assumindo a culpa. — E quanto ao Luc?

— Eu criei o Luc, dei-lhe amor, carinho e um reino no inferno, um pequeno reino, mas de qualquer forma um reino, mas principalmente dei-lhe muito prazer permitindo que ele usufruísse do meu corpo — Ela deslizou a mão pelo quadril se excitando com suas lembranças e gemeu, abriu os olhos ao se lembrar de que Davy estava ali. — e isso não é pouca coisa, viu.

— E não é mesmo — concordou Davy com os olhos perdidos no quadril da Má Suprema. Ela olhou para ele maliciosa, adorava ser desejada, quando ele percebeu o olhar astuto dela tentou se corrigir. — Mas eu a respeito e respeito o relacionamento de vocês.

— Você respeita, respeita... é só isso que sabe dizer? Escute bem Senhor Davy, eu é que não te quero, você não tem atrativo nenhum, nem pirata mais você é, fica preocupadinho em fazer o bem, em salvar as pessoas, em respeitar o Luc, enquanto isso aquele demônio do Luc deve estar se deliciando com a sua Laura.

— Como é que é?

— Ele é o Jones — revelou a Má. — O nome dele é Lucian Jones. Ele é o noivo da Laura.

— O noivo da Laura era um homem comum, não um diabo — gritou Davy.

— Isso quando ele estava vivo, Davy. Cabeça foi feita para pensar e não para ficar usando este lencinho ridículo. O Lucian Jones morreu, eu lhe dei poderes e ele se tornou Luc, o senhor de um reino no inferno, então ele soube que você profanou a Laura, a noiva que ele nunca se interessou, e agora ele voltou a sua antiga casa onde a Laura está hospedada, porque agora ele a quer.

O Holandês Voador virou bruscamente enquanto Davy correu para o timão, a Má Suprema flutuou pelo navio.

— Se podia voar por que se dá ao trabalho de andar? — questionou Davy.

— Gosto do som dos saltos batendo do assoalho, é tão sexy.

O céu ficou escuro e uma grande tempestade se formou em cima do navio. Relâmpagos caíam no mar a poucos centímetros do Holandês Voador. Davy se assustou, mas a Má pareceu exultar com todo aquele caos. Os mortos-vivos trabalhavam incessantemente.

Davy avistou a baía ao longe, a Má saiu flutuando do navio em direção à mansão, a velocidade dela era muito maior que a do Holandês Voador, Davy a viu adentrando a mansão pela janela do sótão.

Laura estava sentada de costas para a janela e Luc em pé virado para a parede.

— Eu a amo — dizia Luc, a Má começou a tremer de raiva, em poucos segundos provocaria um abalo sísmico. — Dara é o meu grande e único amor. — A Má estancou. — O que será de mim quando ela me trocar por outra pessoa mais interessante? — disse Luc em tom lamurioso, a Má resolveu escutar a conversa escondida do lado de fora da janela.

— Tem certeza que ela não o ama? — questionou Laura, Luc se virou para encarar sua ouvinte.

— Absoluta! Quem ama tem ciúmes, a Má — Luc pigarreou para disfarçar. —, quer dizer Dara, nem se importa, às vezes até sinto que ela me incentiva a ter outras mulheres.

— Que horror! — Laura corou.

— Desculpe, acho que me excedi, não deveria ter tocado em certas intimidades com uma moça que almeja tornar-se freira. — Luc ajoelhou-se aos pés de Laura e beijou-lhe as mãos. — Obrigada por ouvir meu desabafo, meu amor é tão grande que estava me sufocando. — Neste momento Davy entrou no quarto, ouviu a última frase, viu Luc aos pés de sua amada e teve a certeza de que ele estava se declarando. O pirata se jogou em cima de Luc, um relâmpago caiu do céu. Os dois rolaram pelo chão se socando, Laura estava em choque pela visão de Davy, que ela acreditava estar morto. A Má entrou no quarto e fechou a janela de vidro, os dois continuaram se engalfinhando, ela parecia se divertir com a situação. Davy já tinha acertado dois socos no rosto de Luc, este se levantou e tentou puxar a cimitarra que estava presa a sua cintura, Davy percebeu e tentou segurar-lhe a mão para impedi-lo. Os dois estavam atacadados junto à janela, o vidro não suportando a pressão se estilhaçou e os dois caíram no jardim.

— O que aconteceu? — questionou Laura ainda em choque.

— Aconteceu que todo mundo vai morrer! — gargalhou a Má teatralmente.

— Davy está aqui? — perguntou Laura atônita.

— Se não tiver morrido na queda, está.

— Oh minha Nossa Senhora! — Laura foi até a janela e não conseguiu ver nada devido à neblina e saiu correndo do quarto.

A Má a acompanhou com o olhar e balançou a cabeça em negativa.

— Eu é que não vou de escada. — Ela flutuou em direção à janela estilhaçando o que havia sobrado do vidro. Chegou ao jardim e viu Luc e Davy rolando pelo chão, ela sentou em uma pedra para assistir a luta.

— Quando acabar com ele, Davy, me avise que será a minha vez. — Luc parou de lutar e olhou para ela, estendendo os braços.

— Má querida? — Davy aproveitou e deu um direto de direita no rosto do diabo, Luc caiu.

— Ninguém mandou você ter saído do nosso doce lar — justificou a Má Suprema aos gritos.

Laura chegou ofegante ao jardim. Olhou para Dara sem entender como ela chegou tão rápido.

— Precisa melhorar a sua performance, querida — satirizou a Má Suprema.

Luc se levantou e fuzilou Davy com o olhar.

— Agora chega, eu vou exterminar este rato de navio.

— Parem com isso! Vocês são irmãos! — gritou Laura.

Os dois nem ouviram e se atracaram novamente, então a Má começou a tremer, o tremor atingiu o solo causando um terremoto, Laura se amparou na pedra mais próxima, mas os dois nem se deram conta e continuaram no intento de matar um ao outro. Eles estavam à beira do precipício, seus pés faziam algumas pedras deslizarem para o mar revolto. A Má ficou temerosa e começou a pronunciar algumas fórmulas inteligíveis, Laura olhou para ela desconfiada. Croquinho e um crocodilo que era o dobro do tamanho dele apareceram bem próximos a ela. Laura deu um grito.

— Croquinho, Senhor Croc, vão! — ordenou a Má apontando para os dois brigões, os crocodilos se dirigiram para o precipício, Croquinho abriu sua boca ameaçadora para Davy, que se encostou a uma pedra o mais longe possível do temível animal, Senhor Croc ameaçou Luc com sua mandíbula aterradora, os animais se interpuseram entre os dois, colocando cada um para um lado.

— Esclareça este negócio de irmão, querida — disse a Má para Laura que engoliu em seco, espantada com tudo que estava acontecendo.

— Hã?! — disseram Davy e Luc ao mesmo tempo.

— Quietos vocês dois ou mando Croquinho e o Senhor Croc devorá-los.

— Por que o crocodilo maior ficou pra mim? Sou um desafortunado — reclamou Luc.

— Porque você é esperto e o Davy é bobinho — respondeu ela arqueando a sobrancelha.

Davy ia protestar, quando a Má lhe lançou um olhar questionador e incrédulo.

— Vai querer o crocodilo maior? — Davy se ateve a balançar a cabeça em negativa. — Ah bom! Pensei que a queda tivesse afetado os seus miolos. — A Má se virou para Laura e com voz meiga disse. — Pode falar.

— Vocês dois são irmãos.

— Que absurdo! — disse Luc.

— Isso não tem o menor cabimento, Laura querida — disse Davy.

— Não me chame de querida, seu mentiroso, você me enganou, seu tratante! — disse Laura irada.

— Quer que o Croquinho arranque a masculinidade dele? — perguntou a Má compreensiva.

O crocodilo começou a avançar para Davy.

— Isso não — disse Davy apavorado.

— Quietos, seu sedutor barato, enganador de moças tolas, quem decide aqui é a minha amiga Laura. — retalhou a Má. Luc soltou um risinho sarcástico. Dara virou-se para ele. — Se eu fosse você, eu não ria, o que é seu está guardado — disse com tanta fúria no olhar que Luc fechou o sorriso no ato.

— Laura, por favor — implorou Davy. —, esta mulher não é sua amiga. Ela é das profundezas.

— Não lhe dê ouvidos, Laura, nós mulheres temos que nos unir contra este bando de sem-vergonhas. E então, o Croquinho arranca ou não as bolas dele?

— Posso decidir mais tarde? Tenho medo de tomar uma decisão precipitada — justificou Laura insegura.

— Quando quiser, Croquinho está a sua disposição. Agora esclareça este negócio de irmãos.

— Isso não tem cabimento, eu nunca tive irmão — falou Davy.

— Um traste como este nunca seria meu irmão — reclamou Luc.

— Eu não acredito! — disseram os dois juntos.

Capítulo VIII

— Como vocês são teimosos! — Nossa Senhora apareceu e todos se calaram. Laura ficou boquiaberta, Luc contrariado e Davy abaixou a cabeça, submisso. Croquinho, Senhor Croc e a Má Suprema trataram de se retirar em surdina. — Lucian, você teve um irmão que sumiu, não se lembra?

— É verdade — disse Luc espantado por ter se esquecido de algo que marcou profundamente sua infância. — Estávamos brincando na praia quando o navio pirata atracou na baía, eu me escondi, e meu irmão menor foi na direção deles com sua espada de brinquedo. Eu corri para pedir ajuda, mas quando retornamos não havia nem vestígios do navio ou do meu irmão, ele nunca mais foi visto.

— Eu não me lembro — disse Davy.

— Você era muito pequeno, tinha apenas quatro anos, o pirata te levou para a esposa e você foi criado como filho deles — esclareceu Nossa Senhora. — Eles tentaram mudar o seu nome, mas você sempre foi teimoso, não atendia quando o chamavam pelo nome que lhe deram, tempos depois a única memória que permaneceu foi o seu nome e o prenome.

— Por isso não gostavam que os outros soubessem ou que eu dissesse aos outros que meu prenome era Jones. — Nossa Senhora assentiu.

— Ninguém acreditou na minha história — disse Luc entristecido. — A minha própria mãe acreditava que eu inventei tudo para encobrir a desobediência de ter entrado no mar, todos acreditavam que meu irmão havia se afogado e me culpavam. Eu não tive nenhuma culpa. — Luc apontou para o irmão. — A minha vida foi um inferno por sua causa, você estragou toda minha existência, eu devia matá-lo.

— Eu sinto muito — disse Davy.

— Lucian? — repreendeu Nossa Senhora. — Isso não resolveria nada e faria sua mãe muito infeliz.

Luc olhou para o irmão com raiva.

— Não vou matá-lo para não desgostar nossa mãe — disse apontando o dedo para o irmão. — Já que você é o único filho vivo que ela tem. — Luc saiu chutando as pedras do caminho. — Sou um amaldiçoado, um desafortunado mesmo, minha vida e minha morte foram arruinadas. Ainda por cima quase matei meu próprio irmão, perdi a mulher da minha vida... quer dizer morte — reclamando consigo mesmo chegou à praia.

— Espere aí, mocinho. — Luc virou para trás e viu a Má.

— Você abandonou nosso lar e tudo que eu lhe proporcionei após a sua morte. Não pense que sairá ileso.

— Eu não mereço nada do que você me proporcionou — disse Luc abrindo os braços em sinal de derrota.

— Eu concordo plenamente com você — disse a Má cruzando os braços. Luc pôs as mãos na cintura, a Má o achou lindo e teve vontade de voar para os seus braços. — E-e-e você vai me pagar a traição.

— Não houve nada entre mim e a Laura, e mesmo que houvesse você nunca se importou comigo, não sei por que isso agora — disse com enfado.

— Eu sei exatamente que não aconteceu nada — disse autoritária. — ou você acha que estaria vivo se algo entre você e a puritana tivesse se consumado?

— Você nunca teve ciúmes e me deixou à vontade para ter a mulher que eu quisesse, isso deixa muito claro que você nunca me amou. E eu sei que logo serei trocado por alguém mais interessante. — A Má estava de boca aberta, havia ouvido Luc dizer isso a Laura, mas nunca imaginou que ele confessaria seus temores a ela.

— Eu nunca deixei você estar com outras mulheres — confessou a Má, Luc olhou pra ela incrédulo, então a fisionomia dela começou a se transformar lentamente em uma a uma, Luc viu diante de si todas as mulheres que compartilhou momentos de prazer após a sua morte. — Tem poderes que eu escondi do meu senhor.

— Como pôde, Má? — Luc representou que estava muito irado. — Isso terá consequências, pagará caro por ter me escondido seus poderes. Esta desobediência não vai passar impune, vou castigá-la severamente. — Os olhos da Má Suprema brilharam e ela começou a dar pulinhos.

— Estou ansiosa por isso! O que será desta vez, chicote, cama de tortura? São tantas as possibilidades. — Ela estava tão animada que Luc não conseguiu segurar o riso. — Só você desperta em mim sentimentos assim tão “bons”. — A Má fez uma careta e rosnou ao dizer isso.

— Eu não mereço o amor de um ser tão profano — disse Luc, então a Má voou para os seus braços e os dois se beijaram despudoradamente, olharam em volta à procura de algum lugar para se satisfazerem ao avistarem o Holandês Voador parado na baía, os dois se entreolharam e sorriram com as fantasias que iriam realizar naquele navio fantasma.



Davy desviava o olhar de um lado para outro, então fixou seus olhos na baía, sentia-se envergonhado por sua atitude com Laura e ainda por cima não sabia o que dizer à santa que lhe havia lançado uma maldição. “*Mais do que justa.*”, pensava ele. Davy então viu com espanto seu navio manobrar, içar as velas e partir.

— Mas o que está acontecendo?

— Parece que seu irmão e Dara se apropriaram do seu navio — disse calmamente a santa.

— Como será agora? Como continuarei cumprindo a maldição?

— Sua missão — frisou Nossa Senhora. — já terminou.

— Terminou? Como assim? — Davy então olhou para Laura que acompanhava o diálogo dele com a santa, ele abaixou a cabeça. — Não pode ser, o que eu fiz não tem perdão.

Nossa Senhora se aproximou de Laura e seus olhos se encontraram com os da moça.

— O perdão é divino, minha querida.

— Você me perdoou, Laura? — perguntou Davy.

— E-eu n-não sei.

— Se consultar seu coração perceberá que já o perdoou faz muito tempo — disse a santa. Laura corou, no início, quando se lembrava de Davy, era com desejo e depois quando descobriu quem ele realmente era, desculpava e justificava suas atitudes pensando que ele não teve outra opção na vida, afinal havia se criado em meio aos piratas fora da lei. Nossa Senhora acompanhava as conclusões silenciosas de Laura e a expectativa de Davy.

— A senhora tem toda razão. — reconheceu a moça, Davy correu para Laura, ajoelhou-se em sua frente e beijou suas mãos.

— Oh! Minha doce Laura, obrigado, eu sinto como se um peso saísse dos meus ombros, seu perdão era tudo que eu mais almejava nesta vida.

— Aproveite que está ajoelhado e faça o pedido — ordenou Nossa Senhora.

— Pedido? — questionou Davy desorientado.

— Sim pedido... casamento. Seus planos sempre foram o de se unir a ela. — A santa lhe piscou, Davy arregalou os olhos.

— Mass... a-a-a maldição?

— Sua missão acabou, Davy, isso não é empecilho.

— Mas ela era eterna?

— Seu irmão assumirá seu papel e o Holandês Voador navegará por toda a eternidade.

— Mas a outra maldição, a do “coisa ruim”, quer dizer do meu irmão.

— Não se preocupe com isso — respondeu Nossa Senhora.

— Como posso não me preocupar?

— Davy? — O olhar de Nossa Senhora era intimidador.

Então Davy olhou para Laura, suas mãos ainda estavam entre as suas.

— Senhorita, eu seria imensamente afortunado se aceitasse se casar comigo. — Laura abriu um sorriso, os dois se abraçaram.

— Ram, ram... — pigarreou a santa. — Sem intimidades até o casamento — avisou ela. — ou posso mudar de ideia.

Laura e Davy se olharam aterrorizados e quando seus olhos voltaram para a santa ela já tinha desaparecido.

Os dois estavam conversando na sala quando Martha chegou com as compras.

— Martha, este é Davy Jones, o filho desaparecido de Dona Mercedes.

— O quê? — questionou abismada. Ela se aproximou de Davy. — Ele é mesmo parecido com o menino.

— Você me conheceu? — perguntou Davy.

— Sim, estou aqui desde que a patroa se casou, eu ajudei a cuidar dos meninos.

— Pena que eu não me lembre de nada — disse Davy.

— Mas como?

— Ele foi raptado por piratas — esclareceu Laura. — E só ficou sabendo que não era filho do casal que o criou agora.

— Eles o venderam? — perguntou Martha com os olhos arregalados.

— Não. O pirata me criou como filho.

Eles ouviram um barulho vindo do andar superior.

— Dona Mercedes deve ter acordado — concluiu a criada.

— Conte a ela, Martha! — sugeriu Laura. — Você a conhece há tanto tempo, tenho certeza que encontrará um jeito. — Martha assentiu com os olhos rasos d’água e subiu para o andar superior.

Laura e Davy ficaram aguardando e ouviram quando Dona Mercedes pronunciou “O meu Davy?”. A senhora se dirigiu até a sala com lágrimas nos olhos. Quando o viu teve a certeza de que era seu filho. Davy correu para ela e a amparou até o sofá. Dona Mercedes acariciava o rosto do filho, seus traços não haviam mudado muito.

Depois que a emoção inicial passou, Davy contou o que se lembrava de sua infância e adolescência, parou o relato quando a mulher que o criou faleceu, ele não estava preparado para contar as atrocidades que cometera depois que foi para o navio.

— Eles não tinham outros filhos, o pirata e a esposa? — perguntou sua mãe.

— Não — disse Davy. — Eles me fizeram acreditar que era filho deles, não gostavam que eu dissesse aos outros que me chamava Davy Jones, acredito que tinham medo de alguém descobrir.

— A mulher foi boa pra você?

— Foi, não posso reclamar, minha vida começou a se complicar quando ela morreu. — Novamente o nó na garganta, o medo de que sua mãe o questionasse e não o aceitasse quando soubesse, mas Dona Mercedes era experiente e não questionou o lapso de tempo que havia na história do filho.

— Entendo.

A mãe de Davy ficou muito emocionada e um pouco entorpecida por toda a emoção, seu coração dizia que era seu filho, mas ela temia que tudo aquilo fosse apenas um sonho.

A sós com Laura, Davy confessou que sempre gostou das histórias de piratas e que provavelmente foi ele quem correu de encontro aos corsários quando era pequeno.

— Você acredita que foi assim que aconteceu?

— Acho que sim e isso faz com que eu me sinta culpado por tudo o que eu fiz minha mãe e meu irmão passarem.

— Davy, você era apenas uma criança, não pode se culpar. — Davy abraçou Laura.

— Ram, ram... — Os dois reconheceram o pigarrear de Nossa Senhora e se afastaram.

Com o passar dos dias Dona Mercedes começou a tomar consciência de que a volta do filho amado era real, chamou-o para falar dos negócios da família que ele assumiria a partir de agora. Davy falou-lhe da intenção de se casar com Laura. Ela já tinha se afeiçoado a moça e ficou feliz com a novidade, a mãe fez questão de escolher a data, Davy quis trocar o dia, pois caía bem no dia do início da maldição que ganhou de Luc nos dados viciados, mas Dona Mercedes se mostrou irredutível, Davy começou a entender que a teimosia era uma característica familiar.

O dia do casamento chegou, a cerimônia seria realizada nos jardins da mansão. O altar de madeira foi montado no alto do penhasco, no mesmo local em que Davy e Luc descobriram que eram irmãos. Um arco feito de margaridas brancas decorava o altar, mesas com toalhas de renda branca estavam espalhadas pelo jardim, de onde os convidados assistiriam a cerimônia.

Tudo estava em ordem, Dona Mercedes e Martha ajudavam Laura a se vestir. Davy recebia os convidados em seu traje branco, ele estava inseguro, pensava que a maldição deveria se manifestar naquela noite, justo em sua noite de núpcias com a esposa. Davy então avistou Luc e a Má em uma mesa um pouco afastada dos demais, ele não se lembrava de haver uma mesa naquele local. Davy se aproximou, a Má o mediu e se retirou, ele e Luc ficaram sozinhos.

— Eu preciso muito falar com você — disse Davy, humilde.

— Eu sei, por isso estou aqui.

— Estou preocupado com a trégua de três dias que ganhei nos dados...

— Ganhou não... você trapaceou. — Davy concordou assentindo com a cabeça. — Mas qual é o problema? Você agora está livre do navio, a trégua de três dias não faz mais sentido.

— Isso quer dizer que estou livre de todos os efeitos da maldição? — Davy apontou para suas calças.

— Ah! É com o seu apetite sexual que está preocupado.

— Justamente. Estou livre dele também?

— Não é bem assim que funciona — disse Luc.

— Então ele ainda existe. — Luc assentiu, Davy o olhou em desespero. — Estou preocupado com Laura, ela é tão... inocente, acho que não vai aceitar um marido devasso.

— Você pode se surpreender. — Luc riu debochado.

— Estou perdendo meu tempo, você não vai me ajudar. Não vai retirar a maldição.

— Eu não posso retirá-la, mas posso trocá-la por outra.

— Qual?

— Será meu presente de casamento, para você e Laura.

— Mas o que é?

— Você vai descobrir.

— Luc, por favor, me diz — implorou, a música nupcial começou a tocar, Davy o olhou apavorado. — Pelo amor de Deus, por Nossa Senhora... — Luc passou o indicador pelo lábio inferior.

— Vocês vão gostar, eu garanto, decida-se logo, o casamento já vai começar. — Luc foi autoritário, Davy olhou para a entrada da casa e viu a renda do vestido de Laura, ela estava prestes a sair da casa e caminhar em direção ao altar.

Martha saiu primeiro e percebeu que ele não estava aguardando a noiva aonde deveria, em seguida ela girou a cabeça e o viu próximo a uma mesa em pé, parecia que estava falando sozinho.

— Davy? — chamou ela, Davy olhou para ela e Martha voltou a afogar o vestido da noiva. Ele em vez de correr para se casar se voltou para o irmão com olhar de piedade.

— Vamos, confie, Davy, sou seu irmão — disse Luc.

— Tudo bem eu aceito! Espero não me arrepender.

— Felicidades, meu irmão. — Luc apertou sua mão e mesmo em um dia ensolarado e sem nuvens, um relâmpago cortou o céu surpreendendo os convidados. — Troca de maldição aceita. Seja feliz.

— Obrigado, espero que você não estrague minha felicidade.

— Não é meu intento.

Davy correu para o altar e a Má se aproximou de Luc.

— Qual a maldição que você lançou sobre ele agora?

— Não é bem uma maldição, é mais um presente de casamento.

— E posso saber o que é?

— Uma ligação indestrutível entre o desejo de Laura e Davy.

— E como funciona? — questionou a Má passando o indicador pelo peito de Luc. Então ele cochichou em seu ouvido. — Hummm, igualzinho acontece com a gente — concluiu ela.

— Exatamente. — Luc sorriu, a Má mordeu o lábio inferior sedutora, o demônio a abraçou, os dois olharam para a cerimônia, Luc observou Dona Mercedes no altar. — Minha mãe parece feliz. Davy vai realizar todos os planos enfadonhos que ela tinha para mim.

— Que bom! Parece que todos conseguiram o que queriam. Menos eu. — Luc a olhou espantado.

— E o que você não conseguiu, minha amada? — Ela fez beicinho e olhou para o altar, Luc percebeu do que ela falava, estava estupefato, então se ajoelhou aos seus pés. — Quer se casar comigo, Má Suprema? — Ela abriu um enorme sorriso, mas em seguida o fechou chateada.

— Nós não podemos entrar na igreja e nem chamar um padre para realizar o enlace.

— Podemos nos casar no navio.

— E o padre? — questionou a Má.

— Um morto-vivo qualquer do nosso navio pode fazer as vezes do padre.

— Não é a mesma coisa — disse ela tristonha.

— Deixe-me pensar... — Ele se levantou, passou o indicador pelo lábio inferior, então arregalou os olhos em direção a Má. — Já sei, o Bartolomeu, o primeiro imediato morto-vivo, era padre antes de virar pirata — inventou Luc.

— Então vai ser perfeito — disse a Má toda animada se jogando nos braços de Luc e os dois se beijaram no mesmo momento que o casal do altar.



Assim que eles chegaram ao navio, Luc se trancou com Bartolomeu em uma cabine.

Luc preparou uma fórmula mágica e deu ao morto-vivo. O demônio colocou o copo na frente de Bartolomeu, mas ele permaneceu com seu olhar vidrado olhando para o nada. Luc então fez gestos como que se levasse o copo à boca, mas o homem permaneceu imperturbável.

— Inferno, isso vai ser bem mais difícil do que eu imaginava. — Luc levou a mão até os lábios do morto-vivo tentando abri-los para derramar um pouco da fórmula na sua boca. Tinha nojo daquela boca cheia de dentes podres, os lábios do homem não se mexiam. — Sou um desafortunado! Abra esta maldita boca — gritou, o morto-vivo escancarou a boca. — Como é fácil, se eu soubesse antes... — Então ele pegou o copo e lançou o líquido sem nenhum cuidado na cara do primeiro imediato, o líquido escorreu por todo o rosto e o morto-vivo pareceu despertar de um longo sono. Perdeu seu olhar vidrado e seus trejeitos automáticos, havia readquirido sua vitalidade e virou sua cabeça para Luc.

— Estou a sua disposição, meu senhor.

— Ótimo.

— Você estudou para ser padre, não é mesmo?

— Frequentei o seminário por uma semana.

— Apenas uma semana? — O homem assentiu. — Vai ter que servir.

Depois de duas horas...

— Como pode ter sido padre e não se lembrar de como se faz uma cerimônia de casamento?

— Poderoso demônio das trevas, perdoe-me, mas eu já disse que não fui padre, eu fugi do seminário na primeira semana.

— Tente pegar a Bíblia novamente — mandou Luc apontando para um livro dentro da caixa de madeira.

— Mas senhor, olhe como estão minhas mãos por causa das outras tentativas — Bartolomeu lhe mostrou as queimaduras. — Assim não poderei realizar o casamento.

— Isso não! Você vai celebrar a cerimônia até sem a cabeça.

— Precisamos de ajuda, de alguém que vai à missas e frequenta casamentos.

— Não conheço nenhum beato — disse ele displicentemente, de repente paralisou. — Claro, a Laura! Isso! — disse Luc animado. — Vou trazê-los para o meu casamento.



— Você está horrível — disse Luc assim que Davy entrou na sala.

Davy o empurrou para o escritório onde a mãe costumava tratar de negócios.

— O que faz aqui? Está se divertindo as minhas custas? Veio rir de mim? — disse ele fechando a porta.

— E por que eu faria isso?

— Você sabe muito bem, a maldição está pior que antes.

— Não pensei que a Laura tivesse tanto fogo.

— O que quer dizer?

— O seu desejo — Luc apontou para o volume nas calças do irmão. — está ligado ao desejo de sua inocente esposa.

— Quer dizer que...

— Você só fica assim quando sua puritana esposa quer dar uma, transar, afogar o ganso... você sabe, né?

— Dar uma, transar, afogar quem? O que significa isso?

— Ah! Esquece, este jeito de falar será usado no futuro, não tente entender. É a mesma coisa que passar a noite com uma mulher. Quando sua esposa quer, você também quer. — Davy estava pasmo. — E se prepare, isso é para o resto de sua vida. — Luc lhe deu uma piscadela.

— Então todas as vezes que aconteceu esta noite foi porque a Laura estava desejando?
— E pelo jeito ela está querendo de novo — disse Luc olhando para as calças do irmão, Davy tentou disfarçar o volume mexendo no cós da calça. — Mas não foi para esclarecê-lo sobre o desejo da sua inocente Laura que eu vim até aqui.

— E para quê veio?

— Eu vou me casar.

— Casar?

— Sim, hoje! Estou tão feliz.

— Parabéns! — Davy lhe estendeu a mão, os dois estavam assim apertando as mãos quando Laura abriu a porta e entrou.

— Laura, querida. Eu vou me casar — disse Luc. Laura se aproximou para parabenizá-lo, Luc sem largar a mão de Davy a segurou com a outra mão. — E vocês são os padrinhos. — Então tudo escureceu para Davy e Laura.



Os dois acordaram no navio, não tinham a mínima ideia de como haviam parado lá.

Luc entrou na cabine.

— O que você fez seu demônio? — gritou Davy se levantando da cama.

— Eu proporciono a vocês retornarem ao local em que se conheceram e é assim que você me agradece, irmãozinho.

— A última coisa que eu queria na vida era voltar para este navio fantasma.

— Fantasma? — Laura se encolheu no leito.

— Calma, querida — pediu Davy. — Luc vai nos tirar daqui agora.

— De jeito nenhum, só após o casamento.

— Agora, Luc! — gritou Davy chegando mais perto do irmão.

— Depois do casamento, Davy! — gritou Luc. — Você estragou minha vida, agora pelo menos vê se ajuda a consertar minha vida pós-morte.

— Quando será este casamento? — perguntou Davy mais calmo.

— Esta noite.

— Depois você promete que nos liberta?

— Só se me ajudarem.

— O que eu vou ter que fazer? — perguntou Davy.

— Você? Nada, seu imprestável. — Luc contornou o irmão e sentou-se na cama onde Laura estava encolhida.

— Eu preciso de você, minha cunhada.

— Afaste-se dela ou vou esquecer que é meu irmão.

— Deixe-o falar, Davy — disse Laura, o marido balançou a cabeça descontente.

— Eu preciso que ensine um dos meus marujos a celebrar o casamento — contou Luc.

— O quê? — estanhou Laura.

— Você vai sempre à igreja, até ia se tonar freira, além disse casou-se ontem, as palavras do padre devem estar bem fresquinhas na sua memória, é só explicar ao Bartolomeu, ele estudou no seminário, mas o coitado tem memória fraca.

— Mas para celebrar um casamento tem que ser um padre — argumentou Laura.

— Um padre nunca concordaria em celebrar a minha união com a Má, se bem que sob tortura... alguém deve ceder... — Luc ficou pensativo.

— Você não faria isso? — questionou Laura com os olhos esbugalhados.

— Claro que não, ele está brincando. — Davy tentou disfarçar, sua esposa estava com medo e ele sabia que Luc só os libertaria depois do casamento, isso se desse tudo certo. — Ela

vai te ajudar, Luc. Não se preocupe, vai ser um lindo casamento. — Luc sorriu para o irmão e a cunhada.

— Eu sempre sou tão convincente — disse Luc, em seguida ele trouxe Bartolomeu até os dois e saiu para cuidar dos preparativos.

O marujo estava empenhado, mas Laura era muito perfeccionista quando se tratava de ritos religiosos e perdeu a paciência algumas vezes.

— Tem que dizer em nome do Pai, do filho e do Espírito Santo e fazer o sinal da cruz no ar.

— Não dá! — disse o primeiro imediato.

— Por que não? — alterou-se Laura.

— Santinha, estas palavras queimam a língua — disse Bartolomeu.

— Sem isso não será um casamento de verdade — esbravejou ela.

Davy se aproximou e cochichou-lhe ao ouvido.

— E não será mesmo, este casamento não tem cabimento, esqueça as coisas que ele não consegue dizer, os outros também não irão gostar de ouvir se ele pronunciar, vamos nos concentrar em sair daqui o mais rápido possível. — Laura assentiu.

Depois de duas horas de treino, Davy pediu ao morto-vivo, que guardava a porta, que chamasse Luc. Assim que ele entrou Laura disse:

— Ele está preparado. — Luc ajoelhou-se aos pés de Laura.

— O que eu faria sem você, minha amiga? Como posso lhe agradecer?

— Levando-nos de volta para casa — disse Davy mal-humorado.

— Depois.

— Luc, você prometeu — irritou-se Davy.

— Só depois do casamento, meu irmão. Afinal vocês serão meus padrinhos. — Luc saiu da cabine e voltou em seguida com dois trajes. — Este é para você minha cunhadinha. — Ele apresentou-lhe um bellissimo vestido rosa-pálido. — E este é para você meu irmão. — era um traje completo de festa.

Ao mirar-se no espelho, Laura percebeu que aquele tom a deixou ainda mais pálida.

— Onde será que ele arrumou este vestido? Ele cheira a flores murchas.

— Eu não sei — disse Davy para não assustá-la, a sua roupa também cheirava a flores murchas e ele tinha certeza de que o irmão havia violado algumas sepulturas para consegui-las.



Um vento frio soprava pelo navio, no cesto da gávea havia um abutre que com olhar sinistro parecia aguardar a cerimônia, pendurados às velas, que permaneciam recolhidas, morcegos de cabeça para baixo. As nuvens de quando em quando permitiam que se visse a lua, sua claridade refletia no traje preto brilhante do noivo.

Luc agradava na proa do navio, elegantemente vestido, com uma casaca preta e detalhes em prata, ao seu lado a gata Mingau com gravatinha borboleta se mantinha na postura de cão de guarda. Atrás do improvisado altar, Bartolomeu estava com batina preta, o traje que deu maior trabalho para Luc conseguir.

Laura estava agarrada ao braço do marido, Davy mantinha-se o mais sereno possível para que ela não ficasse ainda mais assustada. Assistindo a cerimônia estava toda a tripulação de mortos-vivos, e as mulheres do suposto harém de Luc, pela manhã a Má Suprema devolveu o coração a cada uma delas, reconstituindo-lhes a liberdade e as convidou para seu casamento, ela guardou apenas o coração de Luc.

O tapete que conduzia ao altar era preto. A Má chegou ao convés em seu vestido vermelho-sangue com decote proeminente, com um buquê de raras rosas negras. Assim que ela

pisou no tapete o seu vestido pareceu ganhar vida, o vermelho se movia como se fosse sangue correndo nas veias de um ser vivo, Luc sorriu satisfeito. “*Minha futura esposa é realmente única.*”, pensou ele. Laura arregalou os olhos e Davy segurou o ar estupefato. Atrás da Má vinham Croquinho e o Senhor Croc, os dois também estavam com gravatas borboleta e abanavam suas caudas em sinal de contentamento.

A Má sorria para os presentes e ao ver Laura e Davy, inclinou a cabeça e sorriu docemente para o casal. Luc foi ao encontro de sua esposa, deu-lhe um beijo na testa. A Má quase se incendiou de tão quente que se sentiu, os dois se olharam profundamente apaixonados e se voltaram para o altar. A Má colocou o buquê em cima do altar.

— Estamos aqui reunidos para celebrar a união do poderoso senhor do inferno Luc e a suprema senhora de toda a maldade, a Má Suprema. — Os presentes bateram palmas, os noivos trocaram olhares e Bartolomeu continuou a cerimônia. — As alianças — pediu Bartolomeu ao noivo, na mesma hora Mingau pulou no altar e Luc pegou uma caixinha presa à gravatinha da gata. Mingau retornou a sua posição, Luc pegou um chuveiro de diamantes e colocou no dedo da Má, os olhos dela brilharam ao ver o tamanho das pedras, ela pegou da mão do noivo um anel com uma caveira de brilhantes e colocou no dedo dele. — Pode beijar a noiva — disse o padre fajuto. Luc beijou a Má e inclinou seu corpo sobre o dela, o vermelho do vestido começou a se movimentar bem rápido, então quando Laura chegou a pensar que o vermelho-sangue fosse sair do vestido e se esparramar pelo convés, Luc largou a Má Suprema, todos aplaudiram, os morcegos bateram suas asas. Luc olhou agradecido para o casal de padrinhos.

— Quero lhe entregar um presente — disse a Má, Luc a olhou surpreso.

— Eu não tenho nada para lhe dar — disse Luc.

— Você me dá seu amor todos os dias — rebateu a Má, ela estendeu a palma da mão para cima e nela apareceu um coração pulsando em cima de uma almofada dourada. — É seu. — Luc a olhou estupefato.

— Não! É seu desde o dia que coloquei os olhos em você.

— Eu estou lhe devolvendo, Luc — falou ela entre dentes. — Quero que fique comigo por sua vontade.

— Sempre estive com você porque eu quis, eu o aceito de volta, mas vou pedir-lhe um favor, cuide dele para mim. — Luc piscou sedutor para a Má e ela se sentiu incendiar novamente. Ela olhou com doçura para o coração e o apertou contra o peito introduzindo o coração dele ao lado do seu.

— Nossos corações estão unidos e eu continuarei a cuidar muito bem dele.

— Má querida! — exclamou apaixonado.

Nesta hora o abutre que estava no cesto da gávea emitiu um som de lamento, chamando a atenção de todos do navio, em seguida saiu planando pelo céu e quando estava a certa distância mergulhou de cabeça no mar.

— Que ave mais doida — observou Laura.

— Sempre tão temperamental este Lúcifer — disse a Má em voz baixa.

— Perdeu, otário — completou Luc com o punho cerrado.

— De quem vocês estão falando? — questionou Davy.

— Ninguém, irmão — disse Luc, então ele se virou para a Má. — Eu não queria deixá-la, mas tenho que levar os padrinhos de volta e retorno em seguida para a festa.

— Não queremos estragar a noite — disse Laura. — Podemos ir pela manhã...

— O quê? — perguntou Davy, atônito.

— Davy, querido, não consigo tirar aquela cabine, em que aconteceu nossa primeira vez, da cabeça, adoraria lembrar aquela noite. — O marido ajeitou as calças para disfarçar o volume que o incomodava.

— Não podemos, todos já devem estar preocupados — justificou Davy.

— Não se aflija meu irmão. Eu darei um jeito, quando retornarem terá se passado apenas alguns minutos de quando eu os retirei de lá.

— Por favor, Davy — suplicou Laura, ele sorriu para a esposa concordando.

A Má apanhou seu buquê de rosas negras de cima do altar, os olhos das mulheres do harém brilharam, ela beijou as flores e em seguida as lançou, por um momento se imaginou que sairia morte naquela disputa, mas após um olhar severo da Má, Eliz conseguiu sair ilesa com o buquê. Luc deu duas taças de champanhe ao irmão que passou uma a Laura.

— Vamos brindar — disse a Má.

— À felicidade dos noivos! — brindou Davy. — E a nossa! — disse olhando para a esposa.

Uma música começou a tocar, Luc se enlaçou à Má e os dois saíram flutuando pelo navio. Davy e a esposa também dançavam, mas com os pés no assoalho.

— Vamos dar uma corridinha ali na cabine, ninguém vai reparar — sugeriu Davy e Laura assentiu corando.

Epílogo

A Má Suprema estava sentada na cadeira da escrivaninha de onde admirava o corpo do marido deitado de bruços, nu sobre o lençol de cetim vermelho encarnado. Relembrando a noite de prazer ela suspirou, em seguida abriu a gaveta do móvel e retirou de lá o que parece um livro muito grosso de páginas amareladas pelo tempo, abriu em uma página, molhou o bico da caneta de pena no tinteiro e com sua elegante letra se dedicou a preencher a folha.

“Querido diário, aproveito que meu amado marido está repousando^[2], para atualizar minhas memórias. Hoje vejo que toda maldade, sofrimento e desprezo que passei e causei foram necessários para que eu chegasse até este ponto da minha vida. Fui a responsável pela queda de Lúcifer, apesar de nem um livro mencionar nossa história. Prefiro não receber tal crédito, acho que por tudo que eu o fiz passar, ele merece pelo menos isso.

Não foi fácil vagar por bilhões de anos nessa maldita terra, entre estes seres chamados de humanos, mas nem de longe, no início, imaginei como sofreria nas mãos daquele que seria o grande responsável por tudo que sou hoje. Prefiro acreditar que meus pais Bastet e Seth não imaginavam o que aconteceria comigo ao me entregarem àquele homem. Sim, um homem, um demônio vivo, ele era lindo, provocante e ousado. Apaixonei-me perdidamente! Aquele homem nem soube tudo que me fez passar... tanto desprezo, maldade... Nunca cheguei nem perto de ser a dona do seu coração, nunca ganhei uma palavra de carinho, tratava melhor os seus animais e escravos do que a mim. Por causa dele perdi nossa filha e a minha fertilidade, por sua causa não realizei o meu sonho de ser mãe^[3]... ele me destruiu.

Mas isso tudo já tem milhares de anos e das cinzas de Dara surgiu a Má Suprema e tudo o que sou hoje, por isso quero lhe agradecer, por tudo que me fez passar, pois eu aprendi a importância dos sentimentos e hoje sei o valor do verdadeiro amor.”

Dara olhou em direção a Luc e suspirou.

“Obrigada por tudo, meu querido safado. Obrigada àquele que sempre gostei de chamar carinhosamente, ou não, de tio Rui.^[4]”

A Má Suprema fechou o seu diário, em seguida escutou os gemidos de Laura vindos da cabine da proa do navio, Luc levantou a cabeça do travesseiro com um sorriso zombeteiro nos lábios.

— Laura está dando trabalho ao meu irmão.

— Esta minha cunhada está me saindo uma assanhada, assim logo teremos sobrinhos.

— A Má se sentou na cama e passou as unhas pelas costas do marido. — Casei-me com você e ganhei de brinde uma família. — Luc elevou a sobrancelha, com um ar um tanto preocupado.

— Mas você acha isso bom ou ruim? — perguntou Luc.

— Davy e Laura não são ruins e vou adorar ter sobrinhos para aterrorizar. — A Má abriu um sorriso generoso, Luc gargalhou e em seguida a enlaçou com seus braços.

— Você é realmente a Má Suprema — disse ele a enchendo de beijos.





Micheline Soares, leitora compulsiva, frequentadora de eventos literários, criou a personagem Má Suprema para justificar sua segunda personalidade que se apaixonou pelo vilão Rui do livro “Fascínio Egípcio”, da autora Luciane Vieira Z. Micheline soares aguarda a legalização do casamento com personagens literários para se unir a (Ah! Isto é segredo)...



Luciane Vieira Z, publicou seu primeiro romance de nome “Fascínio Egípcio” pela Modo Editora Tradicional em 2013, ano em que também foi publicado seu conto “Divino & Profano”; em 2015 o livro “Fascínio Egípcio II” que completa a série e o conto “Casamento por Procuração” e no ano de 2016 o livro “Vidas Interrompidas”. A autora participou de vários eventos voltados à literatura, como Bienal Internacional do Livro de São Paulo, Semana do Livro Nacional, Bate-Papo Literatura Nacional, Viagem através da Literatura, Expo Livros de Ribeirão Pires, Flisi de Mogi das Cruzes, Amo Ler Brasil em Campinas e Salão do Livro de Guarulhos.

Outras Obras da Autora

Duologia “Fascínio Egípcio”, exemplares físicos também disponíveis.



E-book



Conto em E-book



^[1] Nota da autora Luciane Vieira Z: Piratas e homens do mar em geral são supersticiosos e não costumam falar certas palavras, assim trocando-as ou usando uma abreviação, profundas é uma abreviação de profundezas.

^[2] Nota da Má Suprema: Não que precisemos descansar, mas não poderíamos deixar de cometer o sétimo pecado capital, a preguiça.

^[3] Nota da Má Suprema: Se bem que ainda não desisti de reverter esta situação, teimosia e persistência nunca hão de me faltar.

^[4] Nota da autora Micheline Soares: Rui é o vilão da duologia “Fascínio Egípcio” de autoria de Luciane Vieira Z, foi por causa deste personagem que criei a Má Suprema.